



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent

Ano XLIX, número 2 (2.498)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 11 de janeiro de 2018

O Papa ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé

Reafirmar os direitos humanos para construir a paz

É necessário reafirmar os direitos fundamentais da pessoa humana para construir um novo clima de paz e confiança entre as nações, recomendou o Papa Francisco aos membros

do corpo diplomático acreditados junto da Santa Sé, recebidos na manhã de 8 de janeiro, na sala Régia.

A tradicional audiência de início de ano ofereceu ao Pontífice, como de costume, a ocasião para traçar um diagrama pontual e atualizado do cenário internacional. Lido, desta vez, através da lente dos direitos humanos fundamentais sancionados solenemente pela Declaração universal adotada há setenta anos pelas Nações Unidas.

Nesta luz o Papa denunciou a sua violação em vários âmbitos: a começar pelo da vida, da liberdade, da inviolabilidade e da saúde da pessoa. Depois, com um olhar preocupado Francisco enumerou as trágicas situações de conflito que inflamam os quatro cantos do planeta, insistindo acima de tudo sobre o estreito vínculo entre desarmamento e desenvolvimento integral. E reiterando que as controvérsias não devem ser resolvidas com o recurso às armas, mas através da negociação e do diálogo, desejados pelo Pontífice para resolver as contraposições que minam a convivência na península coreana, na Síria, no Iémen, no Afeganistão, na Terra Santa e em todo o



Um ferido socorrido na cidade síria de Arbin (Afp)

Entre dois aniversários

GIOVANNI MARIA VIAN

Inserire-se entre dois aniversários o longo discurso que o Papa leu ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé no início de 2018: o centenário da grande guerra, cuja conclusão em 1918 redesenhou o rosto da Europa e do mundo inteiro, e o meio século desde a revolução de 1968 e desde as «agitações sociais», que modificaram o cenário cultural planetário introduzindo uma «multiplicidade» de «novos direitos». E precisamente sobre os direitos humanos, adotados em 1948 pela assembleia geral das Nações unidas depois do desastre da segunda guerra mundial, Bergoglio quis sobretudo refletir, evocando também as principais crises na Ásia, na Venezuela, na África, na Ucrânia.

Em 1965, vinte anos depois da conclusão daquele conflito, um Papa falou pela primeira vez da tribuna das Nações unidas e fê-lo em nome «dos mortos e dos vivos», disse então Montini. Do mesmo modo, hoje o seu sucessor faz sua voz de inúmeras vítimas daquela que definiu a «terceira guerra mundial em pedaços», desempenhando «um papel de «evocação» dos princípios de humanidade e de fraternidade», recordando que para a Santa Sé «falar de direitos humanos significa, antes de mais nada, repropor a centralidade da dignidade da pessoa, enquanto querida e criada por Deus à sua imagem e semelhança». Baseado nisto, o Pontífice criticou a confusão causada pela introdução de «novos direitos». De facto, se por um lado estes novos direitos favoreceram uma «colonização ideológica dos mais fortes e dos mais ricos em detrimento dos mais pobres e dos mais fracos», por outro lado ofereceram pretextos para não respeitar «os direitos fundamentais» enunciados na declaração de

Médio Oriente, ou multiplicam injustiças e sofrimentos na Venezuela, na África, na Ucrânia.

No amplo discurso houve espaço também para o tema da família, dos

migrantes e da emergência do trabalho. Por fim, Francisco fez um apelo à liberdade de religião.

PÁGINAS 8 A 11

Esperança partilhada

Mensagem em vídeo por ocasião da viagem ao Chile e Peru

Compartilhar o anúncio da paz e confirmar na esperança: eis o sentido da viagem que o Papa Francisco fará ao Chile e Peru, de 15 a 22 de janeiro. Quem o ressaltou foi o próprio Pontífice, enviando uma mensagem em vídeo às populações dos dois países. Das suas palavras, pronunciadas em espanhol, publicamos a seguir a tradução.



Carmen Losana, «Esperança» (2015)

Irmãos e irmãs do Chile e do Peru!

Com a aproximação da minha viagem a estas terras, saúdo-vos carinhosamente. Vou visitar-vos como peregrino da alegria do Evangelho, para partilhar com todos «a paz do Senhor» e «para vos confirmar numa única esperança». Paz e esperança, compartilhadas entre todos.

Desejo encontrar-me convosco, fixar os vossos olhos, ver os vossos rostos e poder experimentar juntos a proximidade de Deus, a sua ternura e a misericórdia que nos abraça e nos consola.

Conheço a história dos vossos países, forjada com esforço e dedicação. Juntamente convosco, desejo dar graças a Deus pela fé e pelo amor a Deus e aos irmãos mais necessitados,

especialmente pelo amor que experimentais em relação a quantos são descartados pela sociedade. A cultura do descarte invadiu-nos cada vez mais. Desejo tornar-me partícipe das vossas alegrias, tristezas, dificuldades e esperanças, e dizer-vos que não estais sozinhos, que o Papa está convosco, que a Igreja inteira vos acolhe, que a Igreja olha para vós.

CONTINUA NA PÁGINA 13

Festa do batismo do Senhor

No dialeto das crianças

PÁGINA 5

Missa da Epifania

Para encontrar Jesus é preciso pôr-se em jogo

PÁGINA 3

A interpretação da Escritura

Leitura infinita

ANTONELLA LUMINI NA PÁGINA 6

CONTINUA NA PÁGINA 8

GIANLUCA BICCINI

«As crianças exprimem-se melhor com gestos que com palavras. Os desenhos que fazem são gestos que vêm do seu coração... e muitas vezes nos acariciam a alma». Em poucas linhas escritas, o Papa Francisco sintetizou as emoções sentidas durante a visita surpresa de duas horas e meia, realizada na vigília da Epifania à sede descentralizada de Palidoro do hospital pediátrico Bambino Gesù.

A data colocada no fundo da página pelo Pontífice depois da assinatura, permanecerá indelével na sua e na memória de muitas pessoas, porque a tarde de 5 de janeiro de 2018 foi uma das mais longas e intensas «sextas-feiras da misericórdia» vividas desde quando as instituiu no jubileu extraordinário há dois anos.

Francisco chegou ao hospital, situado a trinta quilômetros de Roma, às 14h45, de carro. Acompanhado pelo auxiliar de câmara Zanetti, foi recebido pela presidente Mariella Enoc e por monsenhor Sapienza, regente da Prefeitura da Casa Pontifícia. Imediatamente começou a cum-



primar os presentes já na entrada do pavilhão principal intitulado a Paulo VI, o Papa que há quarenta anos, em 1978, confiou a este hospital a gestão da atividade da Pontifícia obra de assistência, especializada no tratamento da poliomielite.

Tudo na estrutura médica evoca o mundo da infância: os bercinhos coloridos, os desenhos, os quadros pendurados nas paredes, os televisores que transmitem só desenhos animados, as cercas vivas que no jardim externo têm a forma de animais como os elefantinhos. E nesses dias de festa não podiam faltar nos vários ambientes os presépios com o Menino adorado pelos Magos e as árvores de Natal decoradas com bolas e festões.

Percorrendo os longos corredores, cujas paredes exalam sofrimento e



O Papa na sede de Palidoro do hospital pediátrico Bambino Gesù

Duas horas e meia com as crianças doentes

esperança, Francisco entrou quase em ponta de pés em cada quarto dos três pavilhões com cerca de 160 leitos. Aos pais ou diretamente às crianças internadas pedia informação sobre o estado de saúde. «Como estás?», foi a pergunta mais repetida, seguida por um gesto afetivo: uma carícia na cabeça, uma bênção com o sinal da cruz, um beijo, um abraço – alguns muito prolongados – e até o polegar erguido como sinal de aprovação, o bater as mãos “palma com palma”, no seu estilo simples e direto. E para as mães e pais corajosos com os quais se encontrou, ofereceu sempre uma palavra de conforto para lhes infundir força na provação. «Quanto sofrimento!», comentava nos momentos de maior comoção.

Como dom, o Papa distribuiu alguns tercinhos mas sobretudo muitos brinquedos: a fazenda dos animais, bonecos e bonecas de tecido, pelúcias, tijolinhos para construção, álbum com as figurinhas dos jogadores, vídeojogos e bonequinhos dos super-heróis. Mas ali os verdadeiros heróis do dia a dia não usam máscaras nem capas; no máximo máscaras de papel sobre a boca e jalecos juntamente com plásticos esterilizados descartáveis para cobrir os sapatos, geralmente verdes, para não levar infecções de fora. São médicos, enfermeiros, auxiliares, voluntários, os familiares das crianças, que se dedicam com amor e paciência infinitos a aliviar os sofrimentos. E assim ao ver o Papa, que não se cansava de repetir palavras de gratidão, houve quem não conteve as lágrimas, quem chorou de alegria, quem permaneceu parado, imóvel, quase paralisado pelo encontro inesperado.

Quando chegou ao segundo andar, Francisco visitou em primeiro lugar a unidade de cirurgia, onde se encontrou com as crianças que tinham sido operadas: alguns eram recém-nascidos, e o mais pequenino ti-

na apenas vinte dias, e Giovanna, que tem 15 anos, sofre de uma grave patologia desde quando nasceu. «E sua mãe luta juntamente com ela» disse-lhe uma enfermeira ainda capaz de se comover não obstante a longa experiência de serviço. Um jovem pai ao lado do primogénito doente, apresentou ao Pontífice a esposa e os outros dois filhos que estavam com ela, com uma chamada de vídeo.

Entre as crianças internadas havia alguns particularmente vivazes e loquazes, outras ainda dormiam: de resto ali havia também quem estivesse em coma por mais de um ano. Entretanto, as meninas mostravam-se mais destemidas e curiosas; respondiam formulando por sua vez outra pergunta. «Gosto de ti» foi um desenho oferecido ao Papa por Eleni, e Ludovica pintou de vermelho um grande coração. «Este é o teu coração?» perguntou-lhe Francisco. «És talentosa», encorajou-a.

Ao longo dos corredores, de onde se vê próximo o mar, o Pontífice fez também algumas selfies com os agentes do serviço 118, com os funcionários, com o pessoal da manutenção, da vigilância e da limpeza: homens e mulheres que contribuem para a vida quotidiana nas enfermarias do hospital. Para todos um «obrigado pelo que fazem».

Depois Francisco desceu ao primeiro andar, onde se encontra a pediatria multi especializada. Deu-lhe as boas-vindas, entre outros, uma enfermeira nascida no seu mesmo dia. «Mas não no mesmo ano» esclareceu o Papa com uma piada para amenizar o clima de sofrimento. Como fez involuntariamente um menino de dois anos e meio de origem rumena para quem o despertar do repouso vespertino foi um momento mágico. Francisco entrou no seu quarto enquanto ele ainda dormia. Ao abrir os olhos ele viu o homem vestido de branco, arregalando-os

pela incredulidade exclamou: «É o Papa!», suscitando o sorriso dos presentes.

Descendo as escadas para o andar inferior, o Pontífice visitou o Pronto socorro com as salinhas para a observação temporária, a sala dos gestos e a das emergências. Por fim, percorrendo um longo corredor foi até ao último pavilhão. Pendurados nas paredes estavam os quadros realizados na ludoteca interna “O castelo dos sonhos”: todos inspirados em fábulas ou nas histórias de Disney.

Particularmente comovedora a visita à unidade de reanimação, aberta 24 horas por dia. «Os pais podem ficar quanto tempo quiserem, mas para os casos crónicos nós aconselhamos que repousem, que saiam», explicou o médico-chefe, mencionando a humanização do sofrimento que caracteriza o estilo de assistência do hospital Bambino Gesù. De resto, em nome da continuidade terapêutica, alguns percursos de reabilitação prolongam-se muito além da maioridade do paciente. Como no caso de uma jovem de vinte e dois anos, que desde quando nasceu, entre e sai do hospital. «Com frequência nas terapias domiciliares as mães e os pais tornam-se os nossos principais colaboradores», acrescentou o médico. Para quem reside longe há possibilidade de passar a noite num dos 33 quartos da estrutura de acolhimento que se encontra no interior do complexo de Polidoro.

Na parte conclusiva do trajeto o Pontífice passou também pelos locais da exposição «Querido Papa Francisco ofereço-te um desenho» onde deixou a sua mensagem escrita no registo dos visitantes, concluindo-a com o habitual: «Com a minha bênção e, por favor, rezai por mim».

Última etapa, a unidade de reabilitação neurológica e neuro-reabilitação multi especializada, onde um jovem “comemorava” um aniversário deveras especial: o segundo do seu transplante de coração. Na sala ao lado o terno abraço a uma menina indiana e a dois coetâneos norte-africanos; um líbio e outro libanês. Ambos se chamam Mohamed e o segundo desempenha o papel de “mediador cultural” com os seus pais que não falam italiano.

Por volta das 17h30, antes da despedida, o Papa recebeu das mãos de Mariella Enoc uma imagem de madeira que representa São José: «mas este está de pé, acordado», observou a presidente, referindo-se à devoção do Pontífice pelo santo que dorme. Foi realizada por um jovem artesão de Bangui, onde precisamente por vontade de Francisco, o hospital romano dá seguimento a um projeto de formação de médicos para o centro pediátrico local.

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +3906989420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00551231042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@direzionemilano@ilsol24.ore.com

Na missa da Epifania o Pontífice exortou a abandonar comodidades e temores

Para encontrar Jesus é preciso pôr-se em jogo

«Para encontrar Jesus, é preciso não ter medo de se pôr em jogo, não se contentar com a realização pessoal, abandonar a preguiça de não pedir mais nada à vida»: esta é a lição sempre atual que os reis Magos dão à humanidade, e que o Papa Francisco relembrou durante a missa celebrada na solenidade da Epifania, na manhã de 6 de janeiro, na basílica de São Pedro.

O nosso percurso ao encontro do Senhor, que hoje se manifesta como luz e salvação para todos os povos, é elucidado por três gestos dos Magos. Estes veem a estrela, põem-se a caminho e oferecem presentes.

Ver a estrela. É o ponto de partida. Mas, poder-nos-íamos perguntar: por que foi que só os Magos viram a estrela? Porque talvez poucos tenham levantado o olhar para o céu. De facto na vida, muitas vezes, contentamo-nos com olhar para a terra: basta a saúde, algum dinheiro e um pouco de divertimento. E pergunto-me: sabemos nós ainda levantar os olhos para o céu? Sabemos sonhar, anelar por Deus, esperar a sua novidade, ou deixamo-nos levar pela vida como um ramo seco pelo vento? Os Magos não se contentaram com deixar correr, flutuando. Intuíram que, para viver de verdade, é preciso uma meta alta e, por isso, é preciso manter alto o olhar.

E poder-nos-íamos perguntar ainda: porque é que muitos outros, dentre aqueles que levantavam o olhar para o céu, não seguiram aquela estrela, «a sua estrela» (Mt 2, 2)? Talvez porque não era uma estrela deslumbrante, que brilhasse mais do que as outras. Era uma estrela que os Magos viram – diz o Evangelho – «despontar» (cf. Mt 2, 2, 9). A estrela de Jesus não encandeia, não atordoia, mas gentilmente convida. Podemos perguntar-nos pela estrela que escolhemos na vida. Há estrelas deslumbrantes, que suscitam fortes emoções mas não indicam o caminho. Tal é o sucesso, o dinheiro, a carreira, as honras, os prazeres procurados como objetivo da existência. Não passam de meteoritos: brilham por um pouco, mas depressa caem e o seu esplendor desaparece. São estrelas cadentes, que, em vez de orientar, despistam. Ao contrário, a estrela do Senhor nem sempre é fulgurante, mas está sempre presente: é meiga, guia-te pela mão na vida, acompanha-te. Não promete recompensas materiais, mas garante a paz e dá, como aos Magos, uma «imensa alegria» (Mt 2, 10). Pede, porém, para caminhar.

Caminhar, a segunda ação dos Magos, é essencial para encontrar Jesus. De facto, a sua estrela solicita a decisão de se pôr a caminho, a fadiga diária da caminhada; pede à pessoa para se libertar de pesos inúteis e sumptuosidades embaraçosas, que estorvam, e aceitar os imprevistos que não aparecem assinalados no mapa da vida tranquila. Jesus deixase encontrar por quem o busca mas, para o buscar, é preciso mover-se, sair. Não ficar à espera; arriscar. Não



ficar parado; avançar. Jesus é exigente: a quem O busca, propõe-lhe deixar as poltronas das comodidades mundanas e os torpores sonolentos das suas lareiras. Seguir a Jesus não é um polido protocolo a respeitar, mas um êxodo a viver. Deus, que libertou o seu povo mediante o trajeto do êxodo e chamou novos povos para seguir a sua estrela, dá a liberdade e distribui a alegria, sempre e só, a caminho. Por outras palavras, para encontrar Jesus, é preciso perder o medo de entrar em jogo, a sa-

tisfação do caminho andado, a preguiça de não pedir mais nada à vida. Simplesmente para encontrar um Menino, já é preciso arriscar; mas vale bem a pena porque, ao encontrar aquele Menino, ao descobrir a sua ternura e o seu amor, encontramos-nos a nós mesmos.

Pôr-se a caminho não é fácil. Assim no-lo mostra o Evangelho através dos vários personagens. Temos Herodes, perturbado pelo temor de que o nascimento de um rei ameace

o seu poder. Por isso, organiza reuniões e envia outros a recolher informações; mas ele não se move, está fechado no seu palácio. E, com ele, «toda a Jerusalém» (Mt 2, 3) tem medo: medo das coisas novas de Deus. Prefere que tudo permaneça como antes – «fez-se sempre assim» – e ninguém tem a coragem de se pôr a caminho. Mais subtil é a tentação dos sacerdotes e escribas: conhecem o lugar exato e indicam-no a Herodes, citando inclusive a profecia antiga; sabem, mas não dão um passo rumo a Belém. Pode ser a tentação de quem é crente há muito tempo: discorre-se de fé, como de algo que já é conhecido, mas que não se compromete *pessoalmente* com o Senhor. Fala-se, mas não se reza; lastima-se, mas não se faz o bem. Pelo contrário, os Magos falam pouco e caminham muito. Embora ignorando as verdades da fé, estão ansiosos e põem-se a caminho, como evidenciam os verbos do Evangelho: «viemos adorá-lo» (Mt 2, 2), «puseram-se a caminho; entraram na casa; prostraram-se; regressaram» (cf. Mt 2, 9.11.12): sempre em movimento.

Oferecer. Quando chegaram ao pé de Jesus, depois da longa viagem, os Magos fazem como Ele: dão. Jesus está ali para oferecer a vida; eles oferecem as suas preciosidades: ouro, incenso e mirra. O Evangelho está

CONTINUA NA PÁGINA 7

A caminho com os magos

Durante o Angelus na praça de São Pedro

Os magos «não hesitam em pôr-se a caminho» e «com grande solicitude procuram encontrar o lugar onde está o recém-nascido». Foi esta a atitude que o Pontífice sugeriu a cada cristão ao refletir acerca do significado da Epifania, durante o Angelus recitado a 6 de janeiro na praça de São Pedro.

Amados irmãos e irmãs, boa festa!

Hoje, festa da Epifania do Senhor, o Evangelho (cf. Mt 2, 1-12) apresenta-nos três atitudes com as quais foram acolhidas a vinda de Cristo Jesus e a sua manifestação ao mundo. A primeira atitude: *busca, busca amorosa*; a segunda: *indiferença*; a terceira: *medo*.

Busca amorosa: os Magos não hesitam em pôr-se a caminho para procurar o Messias. Tendo chegado a Jerusalém perguntam: «Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo (v. 2). Fizeram uma longa viagem e agora com grande *solicitude* procuram encontrar onde pode estar o Rei recém-nascido. Em Jerusalém dirigem-se ao rei Herodes, o qual pede aos sumos sacerdotes e aos escribas para se informarem acerca do lugar onde iria nascer o Messias.

A esta busca amorosa dos Magos, contrapõe-se a segunda atitude: a *indiferença* dos sumos sacerdotes e dos escribas. Estes não se incomodavam. Conheciam as Escrituras e eram capazes de dar a resposta certa sobre o lugar do nascimento: «Em Belém de Judéia; porque assim está escrito pelo profeta» (v. 5); sabem, mas não se dão ao trabalho de ir visitar o Messias. E Belém

está à distância de poucos quilómetros, mas eles não se movem.

Ainda mais negativa é a terceira atitude, a de Herodes: o *medo*. Ele tem *medo* que aquele Menino o prive do poder. Chama os Magos para que lhe digam quando lhes aparecer a estrela, e envia-os a Belém dizendo: «Ide, e perguntai [...] pelo menino e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore» (vv. 7-8). Na realidade, Herodes não queria ir adorar Jesus; Herodes quer saber onde se encontra o menino não para o adorar, mas para o eliminar, porque o considera um rival. E reparai bem: o medo leva sempre à hipocrisia. Os hipócritas são assim porque têm o medo no coração.

São estas as três atitudes que encontramos no Evangelho: *busca amorosa dos Magos, indiferença dos sumos sacerdotes, dos escribas, daqueles que conheciam a teologia; e medo, de Herodes*. E também nós podemos pensar e escolher: qual das três assumir? Quero ir com solicitude ao encontro de Jesus? «Mas a mim Jesus não diz nada... fico tranquilo...». Ou tenho medo de Jesus e no meu coração gostaria de o eliminar?

O egoísmo pode induzir a consi-

CONTINUA NA PÁGINA 7



As promessas malogradas da globalização

Aumenta cada vez a distância entre pobres e ricos

GIUSEPPE FIORENTINO

Uma promessa fracassada ou, melhor ainda, uma desilusão arrasadora. A globalização, da qual até há pouco tempo se falava em positivo, não conseguiu absolutamente diminuir as distâncias económicas presentes no mundo. Porque, mesmo sendo verdade que, graças ao deslocamento da produção industrial para países com mão-de-obra mais barata, amplas camadas de população puderam aceder a um trabalho estável, isto não significou um autêntico melhoramento das suas condições de vida, enquanto levou sem dúvida ao empobrecimento das classes produtivas nos países de tradição industrial, que sofreram a subtração de fábricas e empresas.

Para compreender a dinâmica pode ser útil o exemplo do Brasil, uma nação gigantesca e potencialmente riquíssima, mas com um índice altíssimo de pobreza. O Brasil foi um daqueles países no qual a globalização parecia ter feito o seu milagre. Milhões de pessoas puderam entrar no mercado de trabalho que se abriu às multinacionais. Contudo, juntamente com a disponibilidade de recursos económicos dos quais parecia que as novas classes produtoras beneficiavam houve um repentino, mas previsível, aumento dos preços ao consumidor. Com o resultado que atualmente, face a salários não altíssimos, o custo de vida no Brasil é

semelhante ao europeu e as famílias estão endividadas até ao pescoço.

Portanto, a globalização sem regras enriqueceu ulteriormente as multinacionais que pagaram menos pela mão-de-obra, empobreceu as classes médias históricas dos países ocidentais e, contudo, relegou às margens os trabalhadores dos chamados países emergentes. O resultado é que nestes últimos anos a desigualdade entre pobres e ricos aumentou ainda mais, a ponto que hoje apenas 8 homens possuem 426 biliões de dólares, a mesma riqueza da metade mais pobre do planeta, isto é, 3,6 biliões de pessoas. Desde 2015, 1 por cento da humanidade possui mais do que o restante 99 por cento. No ano que acabou de se concluir, segundo quanto publicou a agência Bloomberg, as quinhentas pessoas mais ricas do mundo aumentaram a própria fortuna de cerca de 1000 biliões de dólares.

Por conseguinte, o sistema económico atual favorece a acumulação de recursos nas mãos de uma elite super privilegiada em detrimento dos mais pobres, que na maioria dos casos são mulheres. Conforme as estimativas apresentadas por Oxfam no Fórum de Davos no início de 2017, a metade mais pobre do planeta encontra-se numa condição de maior pobreza em relação ao passado. Deste modo, no biénio 2015-2016, dez entre as maiores multinacionais obtiveram, no total, lucros superiores a quanto arrecadado pelos cofres de 180 países do planeta. Em cada dez

pessoas sete vivem em lugares onde a desigualdade cresceu nas últimas décadas: de facto, de 1988 a 2011, o rendimento médio de 10 por cento da população mundial mais pobre aumentou de 65 dólares, menos de 3 dólares por ano, enquanto que o 1 por cento mais rico aumentou de 11.800 dólares. Hoje um administrador-delegado das cem sociedades mais capitalizadas na bolsa ganha num ano o equivalente a dez mil trabalhadores das fábricas de roupas no Bangladesh.

Esta tendência foi substancialmente confirmada pelo relatório sobre a desigualdade global elaborado pelos economistas do projeto World wealth and income database (Wid), publicado a 14 de dezembro passado. O estudo compara as informações recolhidas pela Onu e pelo Banco mundial para chegar às mesmas conclusões: as desigualdades de rendimento são cada vez maiores e referem-se tanto aos países avançados quanto aos emergentes. De facto, nestes últimos anos de deregulation as grandes multinacionais maximizaram os lucros recorrendo a práticas de evasão fiscal, usando o seu imensurável poder para condicionar a política e, sobretudo, comprimindo os salários. Obviamente, há situações que variam com base nas localidades. Os economistas do Wid, por exemplo, indicaram a Europa como a região na qual a diferença entre ricos e pobres se acentuou em menor medida. Isto, segundo o estudo, deriva em grande parte do modelo so-



cial adotado depois da segunda guerra mundial, baseado no sistema de redistribuição, numa fiscalidade mais progressiva, em políticas salariais favoráveis às classes populares e num sistema de educação e de saúde relativamente igualitário.

O reverso da moeda é a África subsaariana cujo andamento foi analisado pelo Wid embora em presença de dados parciais. Na região, no período de 1980 a 2016, portanto um lapso de tempo considerável, o salário médio aumentou três vezes menos em relação à média mundial. E sem uma adequada rede de proteção social que tutele as pessoas mais pobres. Na África subsaariana, como em muitas outras regiões do mundo, ter menos dinheiro significa ter menos direitos. Certamente uma situação que não é nova mas que continua a incidir profundamente na vida das pessoas.

A prestigiosa revista «The Lancet», no número de agosto de 2017, falando de um fenómeno pouco conhecido mas muito difundido, denunciou a detenção hospitalar. Segundo a pesquisa que abrange o período de 2003 a 2015, na África subsaariana, na Índia e na Indonésia contam-se milhares de casos todos os anos. As vítimas são pessoas pobres que chegam ao hospital em situação de emergência. Durante a internação, que se transforma numa verdadeira prisão, sofrem violências e discriminações. Algumas são obrigadas a prostituir-se para pagar a dívida contraída com o hospital e obter a liberdade. Trata-se de uma evidente violação dos mais elementares direitos da pessoa que, contudo, não parece atualmente encontrar solução.

«The Lancet» no seu artigo, além de um apelo aos governos dos países atingidos, lança a ideia de uma task force internacional para contrastar o fenómeno. E indica na assistência médica garantida a todos, seguindo o modelo europeu, o remédio que eliminaria esta chaga. Mas uma assistência médica para todos significaria menos lucro. E hoje mais do que nunca parece que ninguém está disposto a renunciar ao ganho. Por mais injusto que seja.

Em defesa da casa comum

Denúncia da Repam sobre os abusos na Amazônia

A Amazônia transformou-se numa terra sem lei nem estado de direito, à mercê das prepotências de quem tem dinheiro e poder, e onde o poder político, judiciário e as forças da ordem são como fantasmas, escreveram o cardeal Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo e presidente da Rede eclesial Pan-Amazônica (Repam), e o bispo-prelado emérito do Xingu, D. Erwin Kräutler, presidente da Repam-Brasil, numa carta difundida recentemente intitulada *¡Tanta violencia en la Amazonia, pero la vida, don de Dios, es más fuerte!* O documento recordou o evento do Natal que irrompe entre os sinais de morte e opressão que ferem a Amazônia, transformada em «moeda de troca nas tramas políticas de representantes públicos imersos na lama da corrupção», com um custo de sofrimentos coletivos pago pelas populações amazônicas que «resistem à destruição da nossa casa comum».

A carta – referiu a agência Fides – mencionou os homicídios, os casos de deportação, violência, abuso, o saque das casas e das terras que devastaram a vida das comunidades nativas no último ano. «O ano de 2017 – salientou a carta da Repam – terminou com um balanço sem precedentes de mortes de camponeses, homens, mulheres e crianças. Os conflitos intensificaram-se e chegaram a todas as regiões da Amazônia». As informações divulgadas no documento mostraram «uma imperdoável negligência por parte das autoridades, que naqueles conflitos não defenderam suficientemente as vítimas e, nalguns casos, assumiram o papel de agressores». A tal propósito, foi mencionada também «a falta de investigações e a impunidade da maior parte dos crimes cometidos na Amazônia». O texto concluiu-se recordando «a fé profética de muitas testemunhas da Amazônia», que reconhecem e confessam «a encarna-



ção de Deus no meio dos pobres. O nascimento de Jesus num estábulo, fora da cidade – frisaram Hummes e Kräutler – já é uma opção silenciosa de Deus pelos pobres e excluídos, aqueles que o mundo considera superfluos como objetos «descartáveis». Os pobres, na sua condição de exclusão do «banquete da vida», tornam-se os prediletos de Deus».

A Rede Eclesial Pan-Amazônica, além do Brasil, está presente na Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Bolívia, Guiana e Suriname.

O Papa explicou aos pais como transmitir a fé aos próprios filhos

No dialeto das crianças

A transmissão da fé deve ser feita antes de tudo «no dialeto da família», ou seja, na «língua das crianças», recordou o Papa Francisco aos pais dos trinta e quatro recém-nascidos, filhos de funcionários do Vaticano, batizados na manhã de 7 de janeiro, festividade do Batismo do Senhor, na Capela Sistina.

Queridos pais!

Vós trazeis os vossos filhos ao Batismo, e este é o primeiro passo para a missão que tendes, a tarefa da transmissão da fé.

Mas precisamos do Espírito Santo para transmitir a fé, sozinhos não conseguimos. Poder transmitir a fé é uma graça do Espírito Santo, a possibilidade de a transmitir; e é por isso que vós trazeis os vossos filhos aqui, para que eles recebam o Espírito Santo, recebam a Trindade — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — que habitará nos seus corações.

Gostaria de vos dizer apenas uma coisa, que se refere a vós: a transmissão da fé só pode ser feita “em dialeto”, no dialeto da família, no dialeto do pai e da mãe, do avô e da avó. Depois virão os catequistas que desenvolverão esta primeira transmissão, com ideias, com explicações...

Mas não vos esqueçais disto: faz-se “em dialeto”, e se o dialeto faltar, se em casa os pais não falarem entre eles aquela linguagem do amor, a transmissão não será muito fácil, não se poderá fazer. Não vos esqueçais. A vossa tarefa consiste em transmitir a fé, mediante o dialeto do amor da vossa casa, da família.

Também elas [as crianças] têm o próprio “dialeto”, que nos faz bem ouvir! Neste momento todas estão sossegadas, mas é suficiente que uma delas dê o tom e logo começa a orquestra! O dialeto das crianças! E Jesus aconselha-nos a ser como elas, a falar como elas. Não devemos esquecer esta linguagem das crianças, que falam como podem, mas é a língua da qual



Jesus gosta tanto. E, nas vossas orações, sede simples como elas, dizei a Jesus o que surge no vosso coração como o dizem elas. Hoje dizê-lo-ão com o pranto, sim, como fazem as crianças. O dialeto dos pais que é o amor para transmitir a fé e o dialeto das crianças que deve ser acolhido pelos pais a fim de crescer na fé.

Continuemos agora a cerimónia; e se elas começarem o concerto é porque não estão confortáveis, ou estão com demasiado calor, ou não se sentem à vontade, ou têm fome... Se tiverem fome, amamentai-as, sem medo, dai-lhes de comer, porque também esta é uma linguagem de amor.

Recordar aquela data

No Angelus o Pontífice falou sobre o batismo

A exortação a não esquecer o dia do batismo, porque é «a data do grande perdão», foi dirigida pelo Papa aos fiéis que acompanharam a recitação do Angelus na praça de São Pedro ou através dos meios de comunicação, ao meio-dia de domingo 7 de janeiro, festividade do Batismo do Senhor.

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

A hodierna festa do Batismo do Senhor encerra o tempo do Natal e convida-nos a pensar no nosso batismo. Jesus quis receber o batismo pregado e administrado por João Batista no Jordão. Tratava-se de um batismo de penitência: quantos se aproximavam dele manifestavam o desejo de ser purificados dos pecados e, com a ajuda de Deus, comprometiam-se a encetar uma nova vida.

Então compreendemos a grande humildade de Jesus, Aquele que não tinha pecado, ao pôr-se em fila com os penitentes, misturando-se entre eles para ser batizado nas águas do rio. Quanta humildade tem Jesus! E, agindo assim, Ele manifestou aquilo que celebramos no Natal: a disponibilidade de Jesus a imergir-se no rio da humanidade, a assumir sobre si as faltas e as debilidades dos homens, a compartilhar o seu desejo de libertação e de superação de tudo o que afasta de Deus e nos torna alheios aos irmãos. Assim como em Belém, também ao longo das margens do Jordão, Deus mantém a promessa de assumir o destino do ser humano, e disto Jesus é o Sinal tangível e definitivo. Ele cuidou de todos nós, cuida de todos nós durante a vida, ao longo dos dias.

O Evangelho de hoje ressalta que Jesus, «no momento em que saía da água... viu abrir-se os céus e descer sobre Ele o Espírito em forma de pomba» (Mc 1, 10). O Espírito Santo, que tinha agido desde o princípio da criação, guiando Moisés e o povo

soar a Palavra reveladora do Pai: «Tu és o meu Filho» (v. 11).

A festa do Batismo de Jesus convida cada cristão a fazer memória do próprio batismo. Eu não vos posso perguntar, se vos recordais do dia do

nos concedeu o Espírito Santo que nos impele a caminhar, é a data do grande perdão. Não vos esqueçais: qual é a data do meu batismo?

Invoquemos a proteção maternal de Maria Santíssima, a fim de que todos os cristãos possam compreender cada vez mais o dom do Batismo e se comprometam a vivê-lo com coerência, dando testemunho do amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

No final da prece mariana, como de costume, o Pontífice saudou os vários grupos de peregrinos presentes.

Caros irmãos e irmãs!

Saúdo todos vós, fiéis de Roma e peregrinos da Itália e de vários países. Saúdo de modo especial os fiéis provenientes da Coreia do Sul e de Biella.

Também este ano, na hodierna festa do Batismo de Jesus, tive a alegria de batizar algumas crianças, 34. Sobre elas e sobre todas as crianças que foram batizadas recentemente, invoco a proteção maternal da Mãe de Deus para que, ajudadas pelo exemplo dos seus pais, dos padrinhos e das madrinhas, cresçam como discípulos do Senhor.

Desejo a todos bom domingo e bom caminho no ano há pouco iniciado, graças à luz que Jesus nos ofereceu no seu Natal.

Não vos esqueçais do dever de casa: qual é a data do meu batismo? Em que dia fui batizado, batizada? Entendestes?

E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



Gloria Ssali, «Batismo de Jesus» (detalhe)

no deserto, agora desce em plenitude sobre Jesus para lhe infundir a força para cumprir a sua missão no mundo. O Espírito é o artífice do Batismo de Jesus, e também do nosso batismo. Ele abre os olhos do nosso coração para a verdade, para toda a verdade. Impele a nossa vida pela vereda da caridade. Ele é o dom que o Pai ofereceu a cada um de nós no dia do nosso batismo. Ele, o Espírito, transmite-nos a ternura do perdão divino. E é ainda Ele, o Espírito Santo, quem faz res-

vosso batismo, porque a maioria de vós éreis crianças, como eu; fomos batizados quando éramos crianças. Mas faço-vos outra pergunta: sabeis a data do vosso batismo? Sabeis em que dia fostes batizados? Cada um pense nisto. E se não souberdes a data, ou se a esquecerdes, quando voltardes para casa, perguntai à mãe, à avó, ao tio, à tia, ao avô, ao padrinho, à madrinha: que data? E devemos conservar aquela data sempre na memória, porque se trata de uma data de festa, é o dia da nossa santificação inicial, é a data em que o Pai

José Tolentino Mendonça e a interpretação da Escritura

Leitura infinita

ANTONELLA LUMINI

A hermenêutica rabínica caracteriza-se por uma visão dinâmica da Escritura, aberta a possibilidades inexauríveis de interpretação. Se a potencialidade da palavra criadora é infinita e sempre atual, infinitas são as perspectivas capazes de fazer reverberar os fragmentos de um mistério que se revela, se manifesta constantemente. Na tradição judaica a Torá não é só o conjunto dos livros do Pentateuco, mas a arquitetura subtil que governa o plano da manifestação. Como afirma o conhecido rabino Adin Steinsaltz: «Deus examinou a Torá e fez o mundo em conformidade com ela. Com isto pretende-se indicar que a Torá constitui o modelo original, ou o esquema interno do mundo». Estudar a Torá significa participar na ação criadora que nunca se esgota porque a palavra divina é irradiante e sempre fonte de novas inspirações e ações. Precisamente sobre esta linha se posiciona o último livro de José Tolentino Mendonça *A leitura infinita. A Bíblia e a sua interpretação* (Editora Paulinas), que inicia afirmando que os comentadores judeus estavam convencidos de que «para cada trecho da Torá existem quarenta e nove possibilidades de interpretação. Quarenta e nove é o resultado da multiplicação de sete por sete, e sete é o símbolo do infinito». Tolentino percorre a complexa estratificação que se produziu ao longo dos séculos em volta do texto bíblico, revisitando as várias abordagens da tradição judaica, da tradição cristã a partir dos padres, penetrando os seus diversos aspetos hermenêuticos e relativas variações interpretativas, com uma tal leveza que arrebatava sem ser minimamente pesada para o leitor, fazendo prevalecer em cada página a inspiração li-

terária e poética. Não obstante o evidente contexto cultural e os sistemáticos apoios na documentação do seu discurso, o mesmo não se coloca na ótica do critério científico, ao contrário, procura levar para dentro daquele «sonho» infinito e sempre atual que a Bíblia continua a suscitar, ressoando no íntimo de quem entra em contacto com ela. Citando Gregório Magno, assume a sua famosa afirmação: «*Divina eloquia cum legente crescunt*», reafirmando que «o



Marc Chagall, «Cântico dos cânticos III»

processo de revelação ainda não terminou, continua com cada leitor». A Palavra «deve anunciar sem referir. Deve referir sem descrever. A Palavra é algo que se funda também no desconhecido», esconde e revela contemporaneamente. Com efeito, revelar significa tirar o véu, mas também velar de novo. Através de um jogo infinito de reflexos filtram centelhas luminosas, abrem-se passagens inacessíveis que lentamente, re-

velando a humanidade a si mesma, manifestam o mistério divino, porque «o visível é apenas a margem discreta que nos sugere o invisível, o desconhecido, o indizível».

Atravessando o tempo e o espaço o texto bíblico não cessa de exercer a sua potencialidade criadora, faz compreender que a criação está em ação porque a Palavra divina cria sempre. A abordagem da Escritura produz uma tal ressonância que investe todas as esferas, assumindo in-

finitas possibilidades de linguagens: «vibração polifónica, *work in progress* e revelação». Encarnando-se, transformando a humanidade, harmoniza a linguagem da terra com a do céu. «A Bíblia não é um depósito de conceitos (...) explora intensidades», produz uma focalização de significados que se propagam em todos os níveis do viver, do pensar, do criar, constituindo aquele terreno fértil que permitiu o grande florescimento das artes, da filosofia, da teologia e de qualquer outra realidade, atingindo em primeiro lugar as ações de todos os dias. O sublime, que produz expansão e dilata, é «sentido num realismo de vida comum, inseparável do ordinário e do dia a dia». Por conseguinte, é no contexto desta crescente relação entre esconder e revelar, que a Palavra criadora madura as condições, dilata a capacidade. O imprevisível é o seu pressuposto: quanto mais faz retroceder, provocando desorientação, tanto mais impulsiona, move em relação ao maravilhoso, descerrando fendas nas durezas, canais interiores que se abrem para acolher e fazer escorrer, como leitões de rios subterrâneos, uma força que transborda, demonstrando que as ações divinas não dizem respeito apenas ao tempo da origem, mas «atravessam e resgatam o tempo ordinário, profano, presente». Falar de providência no Novo Testamento, significa «falar da escatologia», da ação de salvação movida pelo Espírito Santo que, precisamente graças ao imprevisível, conduz a humanidade rumo à plenitude. Por isso, o autor se questiona: «Eliminando a imprevisibilidade do discurso teológico, não se torna ele imediatamente ideológico e vão?».

A modalidade da ação divina é particularmente evidente no Evangelho de João no qual «a indefinição é omnipresente e instaura entre o texto e o leitor uma espécie de espaço branco». O Espírito Santo, que é enviado, efunde-se, desce, colma, o qual está «junto de vós», está «em vós» (Jo 14, 17), torna-se interiorização de uma presença viva que produz um «dinamismo de fusão», favorecendo aquele processo de profunda comunhão entre quantos se predisõem para o receber e a divina humanidade de Jesus. Mas, ao mesmo tempo, precisamente a imprevisibilidade que lhe é conatural, tutela a «experiência de diferenciação». O Espírito Santo promove a unidade do múltiplo, não anula as diferenças, valoriza-as, revelando o fulcro do mistério trinitário: a relação de amor. A modalidade com que o Espírito Santo age é discreta, não força, interage, não interrompe a busca, os dilemas nem as descobertas da nossa consciência, mas dialoga com eles, iluminando-os e ampliando-os sem cessar».

Por conseguinte, Tolentino realça o fulcro do seu discurso analisando o *Cântico dos cânticos*, defendendo que, no contexto bíblico, «o amor natural é profundamente espiritual». O amor introduz aqueles que se amam num «território de reciprocidade e igualdade», envolve numa «condição nova e mais elevada», faz com que aqueles que se amam sejam «nómadas, buscadores, mendigos». O amor desnuda, encaminha para uma condição de fragilidade, como precisamente a amada do *Cântico* que se define «doente de amor» (5, 8). Portanto, a relação amorosa é a chave que move a dinâmica infinita, despertando poderosamente as saudades das origens nas quais a inocência garante unidade e plenitude. O amor humano provoca o percurso que reconduz ao «território materno (...) ao espaço da primeira gestação», reverbera a verdade da falta que torna pobres, necessitados de reencontrar a ligação com a matriz da qual provimos e ao mesmo tempo dá a força impetuosa para nos voltarmos a pôr em questão, a fim de continuar a procurar. Então a Bíblia é considerada como «poderosa antologia do amor humano» que se reconcilia com o corpo, com a sexualidade, fazendo compreender que precisamente «na experiência erótica se verifica a aparição do Outro». Só a experiência do amor produz aquele desassossego que favorece o consumir-se da distância. Encoraja a responder àquele anseio interior com o qual o amor divino tenazmente procura fazer-se sentir pedindo disponibilidade e abandono, confiança, entrega, a fim de poder ser acolhido para reconduzir a si e doar plenitude. Por conseguinte, a união esponal entre Deus e a humanidade alude à resposta de amor consciente que no Novo Testamento se torna participação na comunhão que une o Filho ao Pai através do Espírito Santo que é amor, processo constante de encarnação através do qual o amor humano se compenetra no amor divino.

Intenção de oração

Pelas minorias religiosas na Ásia

Paisagens típicas da Ásia, algumas habitações imersas no verde da natureza, mulheres prontas para trabalhar nos campos, usando os característicos chapéus cónicos, uma igreja construída segundo o gosto oriental. São algumas das imagens da mensagem vídeo do Papa com a intenção de oração para o mês de janeiro difundida na internet (www.thepopevideo.org). De facto, no centro da reflexão que o Pontífice confiou à rede mundial de oração estão «as minorias religiosas» no continente.

«No diversificado mundo cultural da Ásia – frisou Francisco – a Igreja deve enfrentar muitos riscos e a sua tarefa torna-se ainda mais difícil pelo facto de ser minorias». O filme mostra algumas mãos em prece que seguram um terço. De repente, uma mão externa sobrepõe-lhes uma corrente, a recordar as perseguições às quais os cristãos são submetidos naquele continente, e não só.

Na mensagem Francisco evidenciou este aspeto que uma diversos credos religiosos: «Estes riscos, estes desafios são partilhados por outras tradições religiosas minoritárias às quais nos une um desejo de sabedoria, de verdade e de santidade». Com efeito, prosseguiu o Papa, «quando pensamos em quantos são perseguidos por causa da própria religião, vamos além das distinções de rito ou de confissão; colocamo-nos ao lado de homens e mulheres que lutam para não renunciar à sua identidade religiosa». O vídeo termina com a intenção confiada a todos os fiéis: «Rezemos por todos eles, para que nos países asiáticos os cristãos, assim como as outras minorias religiosas, possam viver a sua fé com toda a liberdade».

O vídeo, traduzido em nove línguas, assim como os anteriores, foi preparado pela agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com Vatican Media que o gravou.

Os professores católicos formem jovens abertos

Pacto educativo entre escola, Estado e família

A cultura do encontro, a aliança entre escola e família, e a educação ecológica: foram estes os três «pontos de reflexão e de compromisso» propostos pelo Papa Francisco aos representantes da Associação italiana de professores católicos (Aime), recebidos em audiência na manhã de 5 de janeiro, na sala Clementina, por ocasião do vigésimo primeiro congresso nacional, que teve lugar em Roma.

Estimados irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas, representantes da Associação italiana de professores católicos, por ocasião do vosso Congresso nacional, e agradeço ao Presidente as suas palavras.

Gostaria de vos propor três pontos de reflexão e de compromisso: a cultura do encontro, a aliança entre escola e família, e a educação ecológica. E também um encorajamento a fazer associação.

Em primeiro lugar, agradeço-vos a contribuição que ofereceis ao compromisso da Igreja para promover a cultura do encontro. E encorajo-vos a fazê-lo, se possível, de maneira ainda mais abrangente e incisiva. Com efeito, neste desafio cultural são decisivas as bases que são lançadas durante os anos da educação básica das crianças. Os professores cristãos, que trabalham quer em escolas católicas, quer em escolas estatais, são chamados a estimular nos alunos a abertura ao outro como rosto, como pessoa, como irmão e irmã que deve ser conhecido e respeitado, com a sua

história, as suas qualidades e defeitos, riquezas e limites. A aposta consiste em cooperar para formar jovens abertos e que se interessem pela realidade que os circunda, capazes de cuidado e ternura — penso nos valentões — que sejam livres do preconceito difundido segundo o qual, para valer, é preciso ser competitivos, agressivos, duros com os outros, especialmente com quantos são diversos, estrangeiros ou com quem, de algum modo, é visto como obstáculo para a própria afirmação. Infelizmente, este é um “ar” que muitas vezes as nossas crianças respiram, e o remédio é fazer de tal modo que possam respirar um ar diferente, mais saudável, mais humano. E para esta finalidade, a aliança com os pais é muito importante.

E aqui chegamos ao segundo ponto, ou seja, a *aliança educativa entre a escola e a família*. Estou convicto de que o pacto educativo está interrompido; está interrompido o pacto educativo entre escola, família e Estado; está interrompido, devemos



restabelecê-lo. Todos nós sabemos que, há tempos, esta aliança está em crise e em certos casos totalmente interrompida. Outrora havia muito apoio recíproco aos estímulos dados pelos professores e pelos pais. Hoje, a situação mudou, mas não podemos ser nostálgicos em relação ao passado. É necessário reconhecer as mudanças relativas tanto à família como à escola, e renovar o compromisso em prol de uma colaboração construtiva — isto é, restabelecer a aliança e o pacto educativo — para o bem das crianças e dos jovens. E uma vez que esta sinergia já não acontece de modo “natural”, é preciso favorecê-la de maneira planificada, inclusive com a contribuição de especialistas em campo pedagógico. Mas, antes ainda, é necessário estimular uma renovada “cumplicidade” — estou ciente do uso desta palavra — uma nova cumplicidade entre professores e pais. Antes de tudo, renunciando a considerar frentes contrapostas, culpando-se reciprocamente mas, ao contrário, colocando-se uns no lugar dos outros, compreendendo as dificuldades objetivas que hoje ambos encontram na educação e, deste modo, criando maior solidariedade: cumplicidade solidária.

O terceiro aspeto que desejo sublinhar é a *educação ecológica* (cf. Encíclica *Laudato si'*, 209-215). Naturalmente, não se trata apenas de dar algumas noções, que contudo devem ser ensinadas. Trata-se de educar para um estilo de vida baseado na atitude do cuidado pela nossa casa comum, que é a criação. Um estilo de vida que não seja esquizofrénico, isto é, por exemplo, que cuide dos animais em extinção mas ignore os problemas dos idosos; ou que defenda a floresta amazónica mas descuide os direitos dos trabalhadores a um salário justo, e assim por diante. Isto é esquizofrenia! A ecologia para a qual educar deve ser integral. E, sobretudo, a educação deve visar o sentido de responsabilidade: não transmitir slogans que outros deveriam praticar, mas suscitar o gosto de experimentar uma ética ecológica a partir de escolhas e gestos de vida quotidiana. Um estilo de comportamento que, na perspectiva cristã, encontra sentido e motivação na relação com Deus criador e redentor, com Jesus Cristo, centro do cosmos e da história, com o Espírito Santo, fonte de harmonia na sinfonia da criação.

Finalmente, caros irmãos e irmãs, quero acrescentar uma palavra sobre o valor de *ser e fazer associação*. É um valor que não se pode dar por certo, mas que se deve cultivar sempre, e os momentos institucionais como o Congresso servem para isto. Exorto-vos a renovar a vontade de ser e fazer associação, na memória dos princípios inspiradores, na leitu-

ra dos sinais dos tempos e com o olhar aberto ao horizonte social e cultural. Não tenhais medo das diferenças e nem sequer dos conflitos, que geralmente, existem nas associações laicais; é normal que os haja, é normal! Não os escondais, mas enfrentai-os com estilo evangélico, na busca do verdadeiro bem da associação, considerado com base nos princípios estatutários. Ser associação é um valor e uma responsabilidade, que neste momento estão confiados a vós. Com a ajuda de Deus e dos pastores da Igreja, sois chamados a fazer frutificar este talento colocado nas vossas mãos.

Obrigado! Agradeço-vos este encontro e abençoo-vos de coração, vós, toda a associação e o vosso trabalho. Também vós, por favor, rezai por mim.

Missa da Epifania

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

A caminho com os magos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

derar a vinda de Jesus na própria vida como uma ameaça. Procura-se então suprimir ou fazer silenciar a mensagem de Jesus. Quando se seguem as ambições humanas, as perspectivas mais confortáveis, as inclinações do mal, Jesus é sentido como um obstáculo.

Por outro lado, está sempre presente também a tentação da indiferença. Mesmo sabendo que Jesus é o Salvador — nosso, de todos nós — preferire-se viver com se ele o não fosse: em vez de se comportar em coerência com a própria fé cristã, seguem-se os princípios do mundo, que induzem a satisfazer as inclinações à prepotência, à sede de poder, às riquezas.

Ao contrário, somos chamados a seguir o exemplo dos Magos: *ser amorosos na busca*, prontos a incomodarmo-nos para encontrar Jesus na nossa vida. Procurá-lo para o adorar, para reconhecer que Ele é o nosso Senhor, Aquele que indica o verdadeiro caminho a seguir. Se tivermos esta atitude, Jesus realmente nos salva, e nós podemos viver uma vida bela, podemos crescer na fé, na esperança, na caridade em relação a Deus e aos nossos irmãos.

Invoquemos a intercessão de Maria Santíssima, estrela da humanidade peregrina no tempo. Com a sua ajuda materna, possa cada homem chegar a Cristo, Luz de ver-

dade, e o mundo progredir pelo caminho da justiça e da paz.

No final da prece mariana o Papa proferiu ainda estas palavras.

Algumas *Igrejas orientais*, católicas e ortodoxas, celebram nestes dias o *Natal do Senhor*. A elas dirijo os meus cordiais votos: esta jubilosa celebração seja fonte de renovado vigor espiritual e de comunhão entre todos nós cristãos, que o reconhecemos como Senhor e Salvador. Gostaria de expressar, de modo especial, a minha proximidade aos cristãos ortodoxos coptas, e saudar cordialmente o meu irmão Tawadros II na alegre ocasião da consagração da nova Catedral do Cairo.

A Epifania é também o *Dia Missionário dos Jovens*, que este ano convida a juventude missionária a fazer seu o olhar de Jesus, para que se torne a guia preciosa do seu compromisso de oração, de fraternidade e de partilha com os coetâneos mais necessitados.

Uma saudação especial ao cortejo histórico-folclórico que promove os valores da Epifania e que este ano é dedicado ao território dos Montes Prenestinos. Desejo recordar também o cortejo dos Magos que se realiza em várias cidades da Polónia com ampla participação de famílias e associações.

Desejo boa festa a todos. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

cumprido, quando o caminho da vida chega à doação. Dar *gratuitamente*, por amor do Senhor, sem esperar nada em troca: isto é sinal certo de ter encontrado Jesus, que diz «recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8). Praticar o bem sem cálculos, mesmo se ninguém no-lo pede, mesmo se não nos faz ganhar nada, mesmo se não nos apetece. Isto é o que Deus deseja. Ele, que se fez pequenino por nós, pede-nos para oferecermos algo pelos seus irmãos mais pequeninos. E quem são? São precisamente aqueles que não têm com que retribuir, como o necessitado, o faminto, o forasteiro, o preso, o pobre (cf. Mt 25, 31-46). Oferecer um presente agradável a Jesus é cuidar de um doente, dedicar tempo a uma pessoa difícil, ajudar alguém que não nos inspira, oferecer o perdão a quem nos ofendeu. São presentes gratuitos, não podem faltar na vida cristã; caso contrário, como nos recorda Jesus, amando apenas aqueles que nos amam, fazemos como os pagãos (cf. Mt 5, 46-47). Olhe-mos as nossas mãos muitas vezes vazias de amor, e procuremos hoje pensar num presente gratuito, sem retribuição, que possamos oferecer. Será agradável ao Senhor. E peçamos-lhe: «Senhor, fazei-me redescobrir a alegria de dar».

Amados irmãos e irmãs, façamos como os Magos: olhar para o Alto, caminhar e oferecer presentes gratuitamente!

Ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé

Reafirmar os direitos humanos para construir a paz

É necessário reafirmar os direitos fundamentais da pessoa humana para construir um novo clima de paz e confiança entre as nações, recomendou o Papa Francisco aos membros do corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, durante a tradicional audiência de início de ano, que teve lugar a 8 de janeiro na Sala Régia do Palácio Apostólico.

Excelências, Senhoras e Senhores! Segundo um belo costume, tenho hoje ocasião de vos encontrar, guardando ainda viva no coração a alegria que dimanou do Natal, para vos formular, pessoalmente, bons votos para o ano há pouco iniciado e testemunhar a minha



Ron Williams, «Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos»

Entre dois aniversários

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

1948. Desta maneira, hoje os direitos humanos não são lesados apenas pela guerra ou pela violência porque «no nosso tempo, há formas mais sutis» de violência, disse o Papa, que com clareza as denunciou mais uma vez: a exercida contra as crianças «descartadas ainda antes de nascer», depois contra os idosos «descartados, sobretudo se estiverem doentes, porque consideramos um peso», contra as mulheres «que sofrem violências e abusos até nas próprias famílias» e por fim, a violência contra as vítimas do tráfico, «que viola a proibição de todas as formas de escravidão».

Reconhecido em 1948, o direito de formar uma família, «núcleo natural e fundamental da sociedade», hoje é

considerado, principalmente no Ocidente, «uma instituição superada». Mas «descuida» a família e não a apoiar tem a consequência implícita e dramática de um «inverno demográfico» cada vez mais rígido, num cenário preocupante e imprevisível no qual o direito das famílias é espezinhado também nos numerosos núcleos destruídos pela pobreza, pelas guerras e pelas migrações forçadas. Inserido na declaração das Nações Unidas mas também frequentemente desprezado é «o direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, que inclui a liberdade de mudar de religião», recordou por fim o Pontífice, que denunciou o extremismo religioso, a marginalização e a perseguição de muitos crentes.

proximidade e estima aos povos que representam. Agradeço ao Decano do Corpo Diplomático, Senhor Armindo Fernandes do Espírito Santo Vieira, Embaixador de Angola, as deferentes palavras que há pouco me dirigiu em nome de todo o Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé. Dou as boas-vindas aos Embaixadores que vieram, de fora de Roma, para esta ocasião e cujo número aumentou depois do estabelecimento das relações diplomáticas com a República da União do Myanmar, em maio passado. Saúdo igualmente os Embaixadores residentes em Roma, em número sempre maior, em cujo elenco se conta agora também o Embaixador da República da África do Sul. Dedicou um pensamento particular ao saudoso Embaixador da Colômbia, Guillermo León Escobar Herrán, falecido poucos dias antes do Natal. Agradeço as relações frutuosas e constantes que mantendes com a Secretaria de Estado e restantes Dicastérios da Cúria Romana, testemunhando assim o interesse da comunidade internacional pela missão da Santa Sé e pelo serviço da Igreja Católica nos respetivos países. Nesta perspetiva, coloca-se também a atividade pacuente da Santa Sé, que, no ano passado, registou a assinatura, em fevereiro, do Acordo-Quadro com a República do Congo e, no mês de agosto, do Acordo entre a Secretaria de Estado e o Governo da Federação Russa relativo às viagens sem visto dos titulares de passaportes diplomáticos.

Na relação com as autoridades civis, a Santa Sé nada mais pretende senão favore-

cer o bem-estar espiritual e material da pessoa humana e a promoção do bem comum. As viagens apostólicas que realizei, no ano passado, ao Egito, a Portugal, à Colômbia, ao Myanmar e ao Bangladesh foram expressão desta solididade. A Portugal, desloquei-me como peregrino, no centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima, para celebrar a canonização dos pastorinhos Jacinta e Francisco Marto. Pude constatar a fé, cheia de entusiasmo e alegria, que a Virgem Maria suscitou na multidão de peregrinos que então lá se reuniu. Também no Egito, Myanmar e Bangladesh pude encontrar as comunidades cristãs locais que, apesar de numericamente exiguas, são apreciadas pelo contributo que oferecem para o desenvolvimento e a convivência civil dos respetivos países. Não faltaram os encontros com os representantes de outras religiões, testemunhando como as peculiaridades de cada uma não são obstáculo ao diálogo, mas a seiva que o nutre no desejo comum de conhecer a verdade e praticar a justiça. No caso da Colômbia, quis abençoar os esforços e a coragem daquele amado povo, inflamado por um vivo anélio de paz após mais de meio século de conflito interno.

Queridos Embaixadores!

No decurso deste ano, tem lugar o centenário do fim da primeira Guerra Mundial: um conflito que deu nova forma ao rosto da Europa e do mundo inteiro, com a aparição de novos Estados que tomaram o lugar dos antigos Impérios. Das cinzas da Grande Guerra, podemos retirar duas advertências, que a humanidade, infelizmente, não soube compreender de imediato, encontrando-se vinte anos depois a combater um novo conflito, ainda mais devastador que o precedente. A primeira advertência: vencer nunca significa humilhar o adversário derrotado. A paz não se constrói como afirmação do poder do vencedor sobre o vencido. Não é a lei do medo que dissuade de futuras agressões, mas a força serena de uma razoabilidade que incita ao diálogo e à mútua compreensão para sanar as diferenças: a paz deriva-se segunda advertência: daqui resulta-se quando as nações se podem confrontar num clima de igualdade. Intuíu-o há um século – completa-se precisamente hoje – o então Presidente dos Estados Unidos da América, Thomas Woodrow Wilson, quando propôs a instituição de uma associação geral das nações visando promover para todos os Estados, grandes e pequenos, indistintamente, mútuas garantias de independência e integridade territorial. Desto modo se lançaram, idealmente, as bases daquela diplomacia multilateral que, no decurso dos anos, foi adquirindo um papel e uma influência crescentes no seio da comunidade internacional.

As próprias relações entre as nações, tal como as relações humanas, devem ser reguladas «segundo as normas da verdade, da justiça, da solidariedade

operante e da liberdade».º Isto supõe que «se tenha como princípio inviolável a igualdade de todos os povos, pela sua dignidade de natureza»,º bem como o reconhecimento dos direitos mútuos, juntamente com o cumprimento dos respetivos deveres.º Premissa fundamental desta atitude é a afirmação da dignidade de toda a pessoa humana, cujo desprezo e desrespeito levam a atos de barbárie que ofendem a consciência da humanidade.º Por outro lado, «o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo»,º como afirma a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

A este documento importante – setenta anos após a sua adoção pela Assembleia Geral das Nações Unidas, que teve lugar em 10 de dezembro de 1948 – desejo dedicar o nosso encontro de hoje. Na verdade, para a Santa Sé, falar de direitos humanos significa, antes de mais nada, repropor a centralidade da dignidade da pessoa, enquanto querida e criada por Deus à sua imagem e semelhança.º O próprio Senhor Jesus, ao curar o leproso, restituir a vista ao cego, sentar-se à mesa com o publicano, poupar a vida da adúltera e convidar a tratar do viandante ferido, fez-nos compreender como cada ser humano, independentemente da sua condição física, espiritual ou social, é merecedor de respeito e consideração. Seguindo a perspetiva cristã, há uma significativa relação entre a mensagem evangélica e o reconhecimento dos direitos humanos, lidos no espírito dos compiladores da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

O pressuposto de tais direitos deriva da natureza que acomuna objetivamente o género humano. E foram enunciações para remover os muros de separação que dividem a família humana e favorecer o que a doutrina social da Igreja designa como «desenvolvimento humano integral», porque deve «promover todos os homens e o homem todo (...) até se chegar à humanidade inteira».º Pelo contrário, uma visão reducionista da pessoa humana abre o caminho à difusão da injustiça, da desigualdade social e da corrupção.

Todavia deve notar-se que, ao longo dos anos, sobretudo depois das agitações sociais de 1968, se foi progressivamente modificando a interpretação de alguns direitos, a ponto de se incluir uma multiplicidade de «novos direitos», não raro contrapondo-se entre si. Isto nem sempre favoreceu a promoção de relações amigas entre as nações,º porque se afirmaram noções controversas dos direitos humanos que contrastam com a cultura de muitos países, que, por isso mesmo, não se sentem respeitados nas suas próprias tradições socioculturais, estas vem-se transcurdando nas necessidades reais que têm de enfrentar. Consequentemente pode haver o risco – de certa forma paradoxal



– de que, em nome dos próprios direitos humanos, se venham a instaurar formas modernas de colonização ideológica dos mais fortes e dos mais ricos em detrimento dos mais pobres e dos mais fracos. Ao mesmo tempo, é bom ter presente que as tradições dos diversos povos não podem ser invocadas como pretexto para descuidar o devido respeito dos direitos fundamentais enunciados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Setenta anos depois, faz pena assinalar como muitos direitos fundamentais são violados ainda hoje. E, primeiro dentre eles, o direito à vida, à liberdade e à inviolabilidade de cada pessoa humana.º A lesá-los, não são apenas a guerra ou a violência. No nosso tempo, há formas mais sutis: penso antes de mais nada nas crianças inocentes, descartadas ainda antes de nascer; às vezes não queridas, apenas porque doentes ou malformadas ou pelo egoísmo dos adultos. Penso nos idosos, também eles

muitas vezes descartados, sobretudo se estão doentes, porque considerados um peso. Penso nas mulheres, que muitas vezes sofrem violência e prepotências, mesmo no seio das suas famílias. Penso depois em todos aqueles que são vítimas do tráfico de pessoas, que viola a proibição de toda e qualquer forma de escravatura. Quantas pessoas, especialmente em fuga da pobreza e da guerra, acabam objeto de tal traficância perpetrada por sujeitos sem escrúpulos?

Defender o direito à vida e à integridade física significa também tutelar o direito à saúde da pessoa e dos seus familiares. Hoje, este direito assumiu implicações que excedem as intenções originárias da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a qual visava afirmar o direito de cada um a ter os cuidados médicos e os serviços sociais necessários.º Nesta linha, espero que se trabalhe, nos fóruns internacionais competentes, para favorecer, antes de tudo, um fácil acesso para todos aos cuida-

dos e tratamentos sanitários. É importante unir esforços para que se possam adotar políticas capazes de garantir, a preços acessíveis, o fornecimento de medicamentos essenciais para a sobrevivência das pessoas indigentes, sem transcurar a pesquisa e o desenvolvimento de tratamentos que, embora não relevantes economicamente para o mercado, são cruciais para salvar vidas humanas.

Defender o direito à vida implica também trabalhar ativamente pela paz, reconhecida universalmente como um dos valores mais altos que se deve procurar e defender. E todavia graves conflitos locais continuam a abrasar várias regiões da terra. Os esforços coletivos da comunidade internacional, a ação humanitária das organizações internacionais e as súplicas incessantes de paz que se elevam das terras ensanguentadas pelos combates parecem ser cada vez menos eficazes perante a lógica aberrante da guerra. Um tal panorama

Diálogo em primeiro lugar

Na saudação do decano

Diálogo, esperança e paz: foram as três palavras-chave usadas pelo decano do corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, o embaixador angolano Armindo Fernandes do Espírito Santo Vieira, na saudação dirigida ao Papa no início da audiência de 8 de janeiro.

Antes de tudo diálogo, porque este é «o principal meio para enfrentar os desafios que ameaçam a paz». Neste sentido, o embaixador evocou as atividades planificadas pela Santa Sé para o futuro imediato: o encontro mundial das famílias na Irlanda no próximo mês de agosto, o Sinodo dos bispos que em outubro se reunirá para refletir sobre os jovens, a fé e o discernimento, a jornada mundial da juventude, que terá lugar no início de 2019 no Panamá, e depois a sucessiva assembleia especial do Sinodo dos bispos para a região panamazônica. Em todas estas ocasiões, disse o decano, exige-se «um olhar integral sobre o ser humano» e «evidencia-se a complexidade das relações, sem descuidar o contexto mais amplo, o ambiente onde se verificam eventos capazes de mudar o curso da história».

Depois, há a esperança com a qual, como ensinava Santo Agostinho, é preciso alimentar o futuro. O diplomata frisou o compromisso do Papa de «levar aos necessitados a consolação e o encorajamento, com uma esperança inabalável». Em seguida, evocou as viagens pontificias: «Uma oportunidade para reiterar a necessidade de cuidado em relação ao momento delicado que o mundo atravessa». Assim, «em Fátima rezou a Maria a fim de que todos se tornem peregrinos, abatendo muros e superando confin», e na Colômbia invocou «a reconciliação com palavras que, em síntese, se aplicam a processos de paz necessários e esperados em várias nações». Não faltou uma menção à mais recente viagem ao Myanmar e ao Bangladesh onde, disse o decano, Francisco «recordou o valor da sábia sabedoria para aplicar a justiça». E o embaixador citou também algumas palavras proferidas pelo Pontífice durante a visita ao Egito: «Hoje há necessidade de construtores de paz, não de armas; hoje há necessidade de construtores de paz, não de provoca-



CONTINUA NA PÁGINA 14

não pode fazer diminuir o nosso desejo e o nosso compromisso em prol da paz, cientes de que, sem ela, o desenvolvimento integral do homem se torna inatingível.

O desarmamento integral e o desenvolvimento integral estão intimamente relacionados entre si. Entretanto a busca da paz como condição prévia para o desenvolvimento supõe combater a injustiça e erradicar, de forma não violenta, as causas da discórdia que levam às guerras. A proliferação de armas agrava claramente as situações de conflito e implica enormes custos humanos e materiais, deteriorando assim o desenvolvimento e a busca de uma paz duradoura. O resultado histórico alcançado no ano passado com a adoção do Tratado sobre a proibição das armas nucleares, no termo da Conferência das Nações Unidas cuja finalidade era precisamente negociar um instrumento juridicamente vinculativo para proibir as armas nucleares, mostra como permanece vivo o desejo de paz. A promoção da cultura da paz para um desenvolvimento integral exige esforços perseverantes em ordem ao desarmamento e à redução do recurso à força armada na gestão dos assuntos internacionais. Por isso desejo encorajar, sobre o tema, um debate sereno e o mais amplo possível, que evite polarizações da comunidade internacional numa questão tão delicada. Todo o esforço nesta direção, por mais modesto que seja, constitui um resultado importante para a humanidade.

Por sua vez, a Santa Sé assinou e ratificou, também em nome e por incumbência do Estado da Cidade do Vaticano, o Tratado sobre a proibição das armas nucleares, na perspetiva expressa por São João XXIII na encíclica *Pacem in terris*, segundo a qual «a justiça, a reta razão e o sentido da dignidade humana terminantemente exigem que se pare com essa corrida ao poderio militar; que o material de guerra, instalado em várias nações, se vá reduzindo de uma parte e de outra, simultaneamente; que sejam banidas as armas atômicas». Na verdade, mesmo «se parece difícil que haja pessoas capazes de assumir a responsabilidade das mortes e incomensuráveis destruições que a guerra provoca, não é impossível que um facto imprevisível e incontornável possa inesperadamente atear esse incêndio [de uma guerra nuclear]».º

Por conseguinte, a Santa Sé reitera a firme «persuasão de que, com negociações, e não com armas, devem ser dirimidas as eventuais controvérsias entre os povos».º Aliás a incessante produção de armas cada vez mais sofisticadas e «aperfeiçoadas» e o prolongamento de numerosos surtos de conflito – daquela que várias vezes designei por «terceira guerra mundial aos pedaços» – não pode senão fazer-nos repetir vigorosamente estas palavras do meu santo Predecessor: «Não é mais possível pensar que, nesta nossa era atômica, a guerra seja um meio apto para ressarir direitos violados. (...) Contudo, é lícito esperar que os homens, por meio de encontros e negociações, venham a conhecer melhor os laços comuns de natureza que os unem e assim possam compreender a beleza de uma das mais

CONTINUA NA PÁGINA 10

Discurso ao corpo diplomático

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

profundas exigências da natureza humana, a de que reine entre eles e as suas respetivas nações, não o temor, mas o amor, um amor que antes de tudo leve os homens a uma colaboração leal, multiforme, portadora de inúmeros bens».¹⁴

Nesta perspectiva, é de suma importância que se sustente toda a tentativa de diálogo na península coreana, a fim de se encontrar novos caminhos para superar as contraposições atuais, aumentar a confiança mútua e garantir um futuro de paz ao povo coreano e ao mundo inteiro.

De igual modo, é importante que possam continuar, num clima propugnador de maior confiança entre as partes, as várias iniciativas de paz em curso a favor da Síria, para que se consiga finalmente encerrar o longo conflito que envolveu o país e provocou imensos sofrimentos. Os votos de todos nós são de que, depois de tanta destruição, tenha chegado o tempo de reconstruir. Mas, ainda mais que a construção de edifícios, é necessário reconstruir os corações, voltar a tecer a tapeçaria da mútua confiança, premissa imprescindível para o florescimento de qualquer sociedade. Por isso, é preciso trabalhar para promover as condições jurídicas, políticas e de segurança, em ordem a uma retomada da vida social, onde cada cidadão, independentemente da sua pertença étnica e religiosa, possa participar no desenvolvimento do país. Neste sentido, é vital tutelar as minorias religiosas, entre as quais se contam os cristãos, que há séculos contribuem ativamente para a história da Síria.

É igualmente importante que possam regressar à pátria os numerosos refugiados que encontraram acolhimento e refúgio nas nações vizinhas, especialmente na Jordânia, Líbano e Turquia. O empenho e o esforço, realizados por tais países nesta circunstância difícil, merecem o apreço e o apoio de toda a comunidade internacional, que ao mesmo tempo é chamada a trabalhar em ordem a criar as condições para o repatriamento dos refugiados originários da Síria. É um compromisso que aquela deve assumir concretamente a começar pelo Líbano, para que este amado país continue a ser uma "mensagem" de respeito e convivência e um modelo a imitar para toda a Região e para o mundo inteiro.

A vontade de diálogo é necessária também no amado Iraque, para que as várias componentes étnicas e religiosas possam reencontrar o caminho da reconciliação, convivência pacífica e colaboração, bem como no Iémen e noutras partes da Região, e ainda no Afeganistão.

Uma palavra particular, dirijo aos israelitas e palestineses, na sequência das tensões das últimas semanas. A Santa Sé, ao exprimir o seu pesar por quantos perderam a vida nos recentes confrontos, renova o seu premente apelo a ponderar bem cada iniciativa para que se evite de exacerbar as contraposições e convida a um esforço comum por respeitar, em conformidade com as pertinentes Resoluções das Nações Unidas, o *status quo* de Jerusalém, cidade santa

para cristãos, judeus e muçulmanos. Setenta anos de confrontos tornam extremamente urgente encontrar uma solução política que consinta a presença na Região de dois Estados independentes dentro de fronteiras internacionalmente reconhecidas. Apesar das dificuldades, a vontade de dialogar e retomar as negociações permanece a via mestra para se chegar finalmente a uma coexistência pacífica dos dois povos.

Também no seio de contextos nacionais, são essenciais a abertura e a disponibilidade a encontrar-se. Penso especialmente na querida Venezuela, que está atravessando uma crise política e humanitária cada vez mais dramática e sem precedentes. A Santa Sé, ao mesmo tempo que exorta a responder sem demora às necessidades primárias da popula-



Eleanor Roosevelt apresenta a Declaração universal dos direitos do homem (1948)

ção, almeja que se criem as condições para que as eleições, agendadas para o ano em curso, sejam capazes de dar solução aos conflitos existentes, e se possa olhar de novo com serenidade para o futuro.

A comunidade internacional não esqueça também o sofrimento em muitas partes do Continente africano, especialmente no Sudão do Sul, República Democrática do Congo, Somália, Nigéria e República Centro-Africana, onde o direito à vida está ameaçado pela exploração indiscriminada dos recursos, pelo terrorismo, pela proliferação de grupos armados e por prolongados conflitos. Não basta indignar-se perante tanta violência! É preciso que cada um, no seu próprio âmbito, trabalhe ativamente por remover as causas da miséria e construir pontes de fraternidade, premissa fundamental para um desenvolvimento humano autêntico.

Um esforço comum por reconstruir pontes é urgente também na Ucrânia. O ano, que findou, ceifou novas vítimas no conflito que atormenta o país, continuando a infligir grandes sofrimentos à população, particularmente às famílias que moram nas áreas afetadas pela guerra e que perderam os seus entes queridos, não raro idosos e crianças.

E, precisamente à família, quereria dedicar uma especial reflexão. Efetivamente, o direito de formar uma família está reconhecido na própria

Declaração de 1948, apresentando-a como «elemento natural e fundamental da sociedade, [que] tem direito à proteção desta e do Estado».¹⁵ É sabido como a família, sobretudo no Ocidente, é considerada, infelizmente, uma instituição superada. Em vez da estabilidade de um projeto definitivo, preferem-se hoje ligações fugazes. Ora não se mantém de pé uma casa construída sobre a areia de relacionamentos frágeis e volúveis; mas é preciso a rocha, sobre a qual assentar bases sólidas. E a rocha é precisamente aquela comunhão de amor, fiel e indissolúvel, que une o homem e a mulher, comunhão essa que tem uma beleza austera e simples, um caráter sacro e inviolável e uma função natural na ordem social.¹⁶ Por isso considero urgente que se adotem políticas efetivas em apoio da família, da qual aliás dependem o futuro e o desenvolvimento dos Estados. Sem ela, de facto, não se podem construir sociedades capazes de en-

frentar os desafios do futuro. E a falta de interesse pela família traz consigo outra consequência dramática — particularmente atual nalgumas regiões — que é a queda da natalidade. Vive-se um verdadeiro inverno demográfico! Isto é sinal de sociedades que sentem dificuldade em enfrentar os desafios do presente, tomando-se, por conseguinte, cada vez mais temerosas do futuro e acabando por se fechar em si mesmas.

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer a situação de famílias dilaceradas por causa da pobreza, das guerras e das migrações. Aos nossos olhos, depara-se demasiadas vezes o drama de crianças cruzando zonas os confins que separam o sul do norte do mundo, frequentemente vítimas do tráfico de seres humanos.

Hoje fala-se muito de migrantes e migrações, por vezes só para suscitar temores ancestrais. Não devemos esquecer que sempre existiram as migrações. Na tradição judaico-cristã, a história da salvação é, essencialmente, uma história de migrações. Nem devemos esquecer que a liberdade de movimento, como a de deixar o país próprio e a ele regressar, pertence aos direitos humanos fundamentais.¹⁷ Por isso é necessário sair de uma generalizada retórica sobre o assunto e partir da consideração essencial de que se encontram diante de nós, antes de mais nada, pessoas.

Isto mesmo pretendi reiterar, com a Mensagem «*Migrantes e refugiados: homens e mulheres em busca de paz*», escrita para o Dia Mundial da Paz que se celebrou no passado dia 1 de janeiro. Embora reconhecendo que

nem todos estão sempre animados pelas melhores intenções, não se pode esquecer que a maior parte dos migrantes preferiria permanecer na sua própria terra, mas é forçada a deixá-la «por causa de discriminações, perseguições, pobreza e degradação ambiental. (...) Acolher o outro requer um compromisso concreto, uma corrente de apoios e beneficência, uma atenção vigilante e abrangente, a gestão responsável de novas situações complexas que às vezes se vêm juntar a outros problemas já existentes em grande número, bem como recursos que são sempre limitados. Praticando a virtude da prudência, os governantes saberão acolher, promover, proteger e integrar, estabelecendo medidas práticas, nos limites consentidos pelo bem da própria comunidade retamente entendido, [para] lhes favorecer a integração» (*Pacem in terris*, 57). Os governantes têm uma responsabilidade precisa para com as próprias comunidades, devendo assegurar os seus justos direitos e desenvolvimento harmónico, para não serem como o construtor insensato que fez mal os cálculos e não conseguiu completar a torre que começara a construir (cf. *Lc 14, 28-30*).¹⁸

Desejo agradecer de novo às Autoridades dos Estados que se prodigalizaram, durante estes anos, para prestar assistência aos numerosos migrantes que chegaram às suas fronteiras. Penso, antes de mais nada, no empenho de não poucos países na Ásia, na África e nas Américas, que acolhem e assistem inúmeras pessoas. Conservo ainda vivo no coração o encontro que tive em Dacca com alguns membros do povo Rohingya e quero renovar os sentimentos de gratidão às Autoridades do Bangladesh pela assistência que lhes prestam no seu território.

Desejo ainda expressar particular gratidão à Itália, que, nestes anos, mostrou um coração aberto e generoso e soube oferecer também exemplos positivos de integração. A minha esperança é de que as dificuldades, que o país atravessou nestes anos e cujas consequências permanecem, não levem a fechamentos e preclusões, mas antes a uma redescoberta daquelas raízes e tradições que nutriram a rica história da nação e constituem um tesouro inestimável para oferecer ao mundo inteiro. De igual modo, exprimo apreço pelos esforços desenvolvidos por outros Estados europeus, particularmente a Grécia e a Alemanha. Não devemos esquecer que numerosos refugiados e migrantes procuram alcançar a Europa, porque sabem que nela podem encontrar paz e segurança, fruto aliás de um longo caminho que nasceu dos ideais dos Pais fundadores do projeto europeu depois da segunda Guerra Mundial. A Europa deve sentir-se orgulhosa deste seu património, baseado sobre determinados princípios e numa visão do homem cujas bases assentam na sua história milenária, inspirada pela conceção cristã da pessoa humana. A chegada dos migrantes deve incitá-la a redescobrir o seu património cultural e religioso, de modo que, recuperando a consciência dos valores sobre os quais está edificada, possa ao mesmo tempo manter viva a sua tradição e continuar a ser um lugar hospitalei-



ro, promissor de paz e desenvolvimento.

No ano passado, os governos, as organizações internacionais e a sociedade civil interrogaram-se mutuamente sobre os princípios basilares, as prioridades e as modalidades mais apropriadas para dar resposta aos movimentos migratórios e às situações prolongadas que afetam os refugiados. As Nações Unidas, na sequência da Declaração de Nova Iorque sobre Refugiados e Migrantes de 2016, aviaram importantes processos de preparação tendo em vista a adoção de dois Pactos Mundiais (*Global Compacts*), respetivamente sobre os refugiados e para uma migração segura, ordenada e regular.

A Santa Sé espera que tais esforços, com as negociações que brevemente se abrirão, deem resultados dignos de uma comunidade mundial sempre mais interdependente, fundada nos princípios de solidariedade e mútua ajuda. No atual contexto internacional, não faltam as possibilidades e os meios para garantir, a todo o homem e mulher que vive sobre a terra, condições de vida dignas da pessoa humana.

Na Mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano, sugeri quatro «pedras miliárias» para a ação: acolher, proteger, promover e integrar.¹⁹ Gostaria de me deter de modo particular nesta última, a propósito da qual se confrontam diferentes posições, cada uma delas derivada das respetivas avaliações, experiências, preocupações e convicções. A integração é «um processo bidirecional», com direitos e deveres recíprocos. De facto, quem acolhe é chamado a promover o desenvolvimento humano integral, enquanto se pede, a quem é acolhido, a indispensável conformação às normas do país que o hospeda, bem como o respeito pelos princípios identificadores do mesmo. Todo o processo de integração deve manter sempre, no centro das normas respeitantes aos vários aspetos da vida política e social, a tutela e a promoção das pessoas, especialmente daquelas que se encontram em situações de vulnerabilidade.

A Santa Sé não pretende interferir nas decisões que competem aos Estados: a eles cabe – à luz das respetivas situações políticas, sociais e económicas, bem como das próprias capacidades e possibilidades de receção e integração – a responsabilidade primeira do acolhimento. Mas ela considera que deve desempenhar um papel de “recordação” dos princípios de humanidade e fraternidade, que fundamentam toda a sociedade coesa e harmoniosa. Nesta perspetiva, é importante não esquecer a interação com as comunidades religiosas, tanto institucionais como associativas, que podem desempenhar um papel valioso de reforço na assistência e proteção, de mediação social e cultural, de pacificação e de integração.

Entre os direitos humanos que gostaria de lembrar hoje, está também o direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, que inclui a liberdade de mudar de religião.²⁰ É sabido como, infelizmente, o direito à liberdade religiosa é muitas vezes menosprezado não sendo raro que a religião se torne quer ocasião para justificar ideologicamente novas formas de extremismo quer pretexto para a marginalização social, senão mesmo perseguição, dos crentes. A construção de sociedades inclusivas requer como condição uma compreensão integral da pessoa humana, que pode sentir-se verdadeiramente acolhida quando é reconhecida e aceita em todas as dimensões que constituem a sua identidade, incluindo a dimensão religiosa.

Por fim, desejo recordar a importância do direito ao trabalho. Não há paz nem desenvolvimento, se o homem está privado da possibilidade de contribuir pessoalmente, através da sua atividade, para a edificação do bem comum. É doloroso, porém, constatar como o trabalho constitua, em muitas partes do mundo, um bem escassamente disponível. Poucas são as oportunidades, especialmente para os jovens, de encontrar trabalho. Muitas vezes é fácil perdê-lo não só em consequência da alternância dos ciclos económicos, mas também pelo progressivo recurso a tecnologia e maquinaria cada

vez mais perfeitas e precisas capazes de substituir o homem. Se, por um lado, se constata uma distribuição desigual das oportunidades de trabalho, por outro verifica-se a tendência a pretender, de quem trabalha, ritmos sempre mais oprimentes. As exigências de lucro, ditadas pela globalização, levaram a uma progressiva redução dos tempos e dos dias de repouso, pelo que se perdeu uma dimensão fundamental da vida – a do descanso – que serve para regenerar, física e espiritualmente, a pessoa. O próprio Deus descansou no sétimo dia: abençoou-o e santificou-o, «visto ter sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação» (*Gn* 2, 3). Na alternância de fadiga e repouso, o homem participa na “santificação do tempo” realizada por Deus e enobrece o seu trabalho, subtraindo-o às dinâmicas repetitivas de uma quotidianidade árida que não conhece pausa.

Motivo de particular preocupação são ainda os dados publicados recentemente pela Organização Mundial do Trabalho sobre o aumento do número de crianças empregadas em atividades laborais e das vítimas das novas formas de escravidão. O flagelo do trabalho infantil continua a afetar seriamente o desenvolvimento psicofísico das crianças, privando-as das alegrias da infância, ceifando vítimas inocentes. Não se pode pensar em projetar um futuro melhor, nem esperar construir sociedades mais inclusivas, se se continua a manter modelos económicos orientados meramente para o lucro e a exploração dos mais fracos, como as crianças. Eliminar as causas estruturais de tal flagelo deveria ser uma prioridade de governos e organizações internacionais, chamados a intensificar os esforços para adotar estratégias integradas e políticas coordenadas, tendentes a acabar com o trabalho infantil em todas as suas formas.

Excelências, Senhoras e Senhores!

Ao lembrar alguns dos direitos contidos na Declaração Universal de 1948, não pretendo transcurar um aspeto estritamente conexo com a mesma: cada indivíduo tem também deveres relativamente à comunidade, visando «satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar numa sociedade democrática».²¹ O justo apelo aos direitos de todo o ser humano deve ter em conta que cada um é parte de um corpo maior. Também as nossas sociedades, como cada corpo humano, gozam de boa saúde se cada membro cumprir a própria tarefa, ciente de que a mesma está ao serviço do bem comum.

Entre os deveres particularmente imperiosos, conta-se hoje o de cuidar da nossa terra. Sabemos que a natureza pode ela mesma ser cruenta, mesmo quando isso não é responsabilidade do homem. Vimo-lo no ano passado com os terremotos que atingiram várias partes da terra, particularmente nos últimos meses no México e no Irão ceifando numerosas vítimas, bem como a violência dos furacões que afetaram vários países do Caribe até chegar às costas dos Estados Unidos da América e, mais recentemente, investiram as Fi-

lipinas. Todavia não devemos esquecer que há também uma particular responsabilidade do homem na sua interação com a natureza. As alterações climáticas, com a subida global das temperaturas e os efeitos devastadores que isso comporta, são também consequência da ação do homem. Por conseguinte, é preciso enfrentar, com um esforço conjunto, a responsabilidade de deixar às gerações seguintes uma terra mais bela e habitável, esforçando-se, à luz dos compromissos concordados em Paris no ano de 2015, por reduzir as emissões de gás nocivas à atmosfera e prejudiciais para a saúde humana.

O espírito que deve animar os indivíduos e as nações nesta obra é comparável ao dos construtores das catedrais medievais que constelam a Europa. Estes edifícios imponentes contam como é importante a participação de cada qual para uma obra capaz de ultrapassar os confins do tempo. O construtor de catedrais sabia que não veria a conclusão do seu trabalho. E contudo trabalhou ativamente, entendendo que fazia parte de um projeto de que gozariam os seus filhos, que – por sua vez – o haviam de embelezar e ampliar para os respetivos filhos. Cada homem e mulher deste mundo – particularmente quem tem a responsabilidade de governar – é chamado a cultivar o mesmo espírito de serviço e solidariedade intergeracional, sendo assim um sinal de esperança para o nosso mundo atribulado.

Com estas considerações, renovo a cada um de vós, às vossas famílias e aos vossos povos os votos de um ano rico de alegria, esperança e paz. Obrigado!

¹ Cf. JOÃO XXIII, Carta encíclica *Pacem in terris* (11 de abril de 1963), 67 [129].

² *Ibid.*, 47 [80].

³ *Ibid.*, 49 [86].

⁴ Cf. *ibid.*, 51 [91].

⁵ Cf. *Declaração Universal dos Direitos do Homem* (10 de dezembro de 1948).

⁶ *Ibid.*, Preâmbulo.

⁷ PAULO VI, Carta encíclica *Populorum progressio* (26 de março de 1967), 14.

⁸ Cf. *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, Preâmbulo.

⁹ Cf. *ibid.*, art. 3.

¹⁰ Cf. *ibid.*, art. 25.

¹¹ *Pacem in terris*, 60 [112].

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*, 67 [126].

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, art. 16.

¹⁶ Cf. PAULO VI, *Discurso por ocasião da visita à Basílica da Anunciação, Nazaré*, 5 de janeiro de 1964.

¹⁷ Cf. *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, art. 13.

¹⁸ *Mensagem para o LI Dia Mundial da Paz* (13 de novembro de 2017), 1.

¹⁹ *Ibid.*, 4.

²⁰ Cf. *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, art. 18.

²¹ *Ibid.*, art. 29.

Missas matutinas em Santa Marta

Quinta-feira
21 de dezembro de 2017

A alegria de ser perdoado

O cristão deve ser sempre testemunha de alegria; por isso, nunca pode ter «cara de velório»: para o Papa Francisco, esta foi a mensagem da liturgia de 21 de dezembro, como o ressaltou na homilia da missa matutina celebrada em Santa Marta, frisando que se trata de «uma mensagem de esperança, mas também de grande alegria: «Alegra-te, grita de alegria – diz o profeta – exulta e aclama com todo o coração», rejubilá».

A referência é ao trecho de Sofonias (3, 14-17), proclamado na primeira leitura: «Não é a alegria – explicou – de uma festa; é uma alegria que vem de dentro e nos convida, como Igreja, a encontrar o júbilo que nos oferece a redenção do Senhor: «Alegra-te, grita de alegria, exulta e aclama com todo o coração»». A propósito, o Papa convidou a pensar «no salmo que recorda a libertação do povo da Babilónia, o qual diz: «Mas o nosso coração estava repleto de alegria, a boca encheu-se de riso», porque «a alegria que nos convida a ter hoje é uma boca de sorriso, de riso».

Sucessivamente, Francisco indicou «três pontos ligados a esta alegria», sugeridos pela primeira leitura. Antes de tudo, ««rejubilá, alegra-te, grita de alegria porque o Senhor revogou a tua condenação»». «Revogou a tua condenação»; ou seja, «perdoou-te, não és culpado, Ele esqueceu-se de tudo; alegra-te Ele perdoou-te». Às vezes, «sabemos que fomos perdoados», mas há uma incapacidade de o demonstrar: preferimos levar uma «vida tibia». Mas «se foste perdoado, foste curado, alegra-te!», exortou. De resto, «a alegria cristã é esta, esta é a raiz própria da alegria cristã».

Como de costume, Francisco citou alguns exemplos concretos: «Pensem num preso, que lhe é comutada a pena. Não consegue acreditar, não o esperava e alegra-se: «Perdoaram-me!». Ou então «recordemos muitas vezes os doentes curados por Jesus no Evangelho, aqueles paralíticos que... «Levanta-te, caminha», e pegavam na maca e iam embora jubilosos». Mas infelizmente, como cristãos, muitas vezes «não estamos conscientes do perdão da redenção, da justificação que Jesus nos trouxe: fomos perdoados!». A ponto que, recordou, «um filósofo criticava os cristãos, dizia-se agnóstico ou ateu, não tenho certeza, mas criticava os cristãos, dizendo: «Mas eles – os cristãos – dizem que têm um Redentor; acreditarei no Redentor, quando eles tiverem a cara de remidos, alegres por terem sido redimidos»».

Mas, observou, «se tens a cara de funeral, como podem crer que és remido, que os teus pecados foram perdoados?». Portanto, «este é o primeiro ponto, a primeira mensagem da liturgia de hoje: és um perdoado, cada um de nós foi perdoado». E convidou: «Recibe este perdão e vai em frente com alegria.

«Mas sou pecador...». Sim, mas se Ele nos perdoou pela raiz, perdoar-nos-á depois aquilo que todos fizemos por debilidade. Deus é o Deus do perdão, nunca o esqueçais, e tende o rosto de remidos, alegres».

Quanto ao segundo ponto, o Papa voltou a propor o trecho onde o profeta exorta: «Alegra-te porque o rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti, e já não terás desventura alguma». Portanto, é preciso que sejamos «não só alegres, porque fomos perdoados, mas jubilosos porque o Senhor caminha ao nosso lado, está no meio de nós; está no meio das nossas provações e dificuldades, da nossa vida e nas nossas alegrias; está no meio de tudo. O Senhor está conosco, caminha conosco, desde o momento que chamou o nosso pai Abraão». E em relação ao «Deus que caminha conosco», o Papa observou que «é bom, durante o dia, dirigir algumas palavras ao Senhor que está ao nosso lado, que está na nossa vida: «Olha, Senhor, como isto é bonito, olha, Senhor, estas dificuldades, isto é aquilo...». É bom, acrescentou, «falar porque Ele está no meio de nós, no meio do nosso povo e da minha vida, e é por isso que o profeta nos diz: «Alegra-te, salta, grita e dança de alegria»».

Finalmente, quanto ao terceiro aspeto, o Papa realçou que Sofonias «nos diz mais uma coisa: «Haverá



Xiyang-Galas «Sé feliz»

desventuras na vida, mas tu, por seres um perdoado e porque o Senhor está no meio de ti – que dizes? Terceiro: – não desanimes». Com efeito, «aquele pessimismo da vida não é cristão. Nasce de uma raiz que não está consciente de ter sido perdoada, nasce de uma raiz que nunca sentiu as carícias de Deus». Em contrapartida, «o Evangelho faz-nos ver esta alegria: «Maria jubilosa levantou-se e foi à pressa», escreve Lucas (1, 39-45). Sim, «a alegria traz-nos também a pressa; sempre, porque a graça do Espírito Santo não conhece a lentidão. O Espírito Santo vai sempre à pressa, impele-nos sempre: ir em frente; como o vento na vela, na barca... Vai em frente, ânimo».

Sempre com o olhar dirigido ao episódio evangélico do dia, o Papa deu ênfase à constatação de que «Maria, cheia do Espírito Santo, en-

contra a outra mulher; e aquela mulher», Isabel, «ao ouvir a saudação de Maria recebe a plenitude do Espírito Santo. E também ela rejubila, e não só ela: o menino estremeceu no seu seio», disse, referindo-se à figura de João Batista. Em síntese, concluiu o Papa, «esta é a alegria que a Igreja nos transmite: por favor, sejamos cristãos alegres, envide-mos todo o esforço para mostrar que cremos que somos remidos, que o Senhor nos perdoou tudo e, se cairmos, Ele perdoar-nos-á porque é o Deus do perdão; que o Senhor está no meio de nós e não nos deixará desanimar». Porque «esta é a mensagem de hoje: «Levanta-te». Aquela «Levanta-te» de Jesus aos doentes: «Levanta-te e caminha, grita de alegria, alegra-te, exulta e aclama com todo o coração»».

Segunda-feira, 8 de janeiro

Se ofendermos os débeis

Agredir e desprezar a pessoa mais débil, por ser estrangeira ou deficiente, é um «vestígio do pecado original» e da «obra de Satanás». É impressionante constatar que hoje graves episódios de bullying se verificam também nas escolas, e têm como protagonistas crianças e jovens. O Papa Francisco – na missa celebrada na segunda-feira, 8 de janeiro, em Santa Marta – pediu para não ceder à crueldade e à malvez de implicar com os mais fracos, dos quais é necessário, ao contrário, estar próximos com compaixão autêntica. E quis inclusive compartilhar uma comovedora recordação pessoal de quando era criança em Buenos Aires.

Na «primeira leitura começa a história de Samuel – observou imediatamente Francisco na homilia, referindo-se ao trecho bíblico tirado precisamente do primeiro livro de Samuel (1, 1-8) – e há outra coisa que chama a atenção: este homem, que será o pai de Samuel – chama-se Elcana – tinha duas esposas. Uma tinha filhos e outra não. E aquela que tinha filhos – chamava-se Fenena; a outra, chamava-se Ana, que seria a mãe de Samuel – era estéril». Mas Fenena, explicou o Papa, «em vez de a ajudar ou de a consolar, afligia-a duramente. Maltratava-a e humilhava-a: «És estéril». Escarnecia».

«O mesmo acontece – realçou o Pontífice – com Agar e Sara, as esposas de Abraão, a escrava e a mulher. Agar tinha um filho, Sara era estéril e Agar insultava-a, maltratava-a, escarnecia-a. Porque não tinham uma riqueza, ou seja, um filho». E mais ainda: «Podemos pensar também, para não considerar somente os pecados das mulheres, como Golias, aquele soldado que tinha tudo, todas as chances para vencer, era o mais forte, quando viu David desprezou-o». Praticamente, Golias «ridicularizava o mais débil». Além disso, prosseguiu Francisco, «podemos também pensar na esposa de Jós, em como «ao vê-lo doente, humilhado, o desprezou, o maltratou». O mesmo acontece com «a esposa de Tobias».

Diante destas realidades, disse o Papa, «pergunto-me: o que há dentro destas pessoas? O que há dentro de nós, que nos leva a desprezar, a maltratar, a escarnecer os mais débeis?». Com efeito, «no máximo, podemos compreender que se alguém implica com uma pessoa mais forte, pode ser devido à inveja, que o impele». Mas por que insurgir contra «os mais débeis? O que temos dentro que nos leva a comportar-nos deste modo?» Trata-se de «algo habitual, como se eu tivesse necessidade de desprezar o próximo para me sentir seguro. Como se fosse uma exigência».

A este propósito, Francisco quis compartilhar um episódio da sua vida. «Lembro-me – isto acontece também entre as crianças – quando eu era menino, tinha por volta de sete anos: naquele bairro havia uma mulher, sozinha, um pouco louca. Ela caminhava o dia inteiro pelo bairro, saudava, dizia parvoíces e ninguém a entendia, não fazia mal a ninguém. As mulheres do bairro davam-lhe de comer, algumas até de vestir. Vivia sozinha. Vagueava o dia inteiro e depois ia para o seu quarto, vivia num pequeno quarto pobres».

Aquela mulher, recordou ainda o Pontífice, «chamava-se Angiolina, e nós crianças ríamos dela. Uma das brincadeiras que fazíamos era: «vamos procurar Angiolina para nos divertirmos um pouco». Quando recordo isto, ainda penso: «Mas quantas malvezes também nas crianças! Implicar com o mais fraco!». E hoje vêmo-lo constantemente, nas escolas, com o fenómeno do bullying: agredir o mais fraco, porque é gordo, porque é deste modo, é estrangeiro ou porque é negro, agredir, agredir. As crianças, os jovens». Portanto, não foram apenas Fenena, Agar ou as mulheres de Tobias e de Jós, a implicarem com os mais débeis; fazemos «também as crianças».

«Isto significa que há algo dentro de nós que nos leva a isto, à agressão do débil» afirmou o Pontífice. E «acho que se trata de um dos vestígios do pecado original, porque esta – agredir o mais fraco – foi a tarefa de Satanás desde o início: fê-lo com Jesus e fá-lo conosco, com as nossas debilidades». Mas «nós fazemos o mesmo com os outros. Não há compaixão em Satanás: não há espaço para a compaixão. E quando se agride o mais débil, falta a compaixão. Há sempre necessidade de sujar o outro, de agredir o outro, como fazia esta mulher» no trecho bíblico proposto pela liturgia.

«Trata-se de uma agressão que vem de dentro e que gostaria de aniquilar o próximo porque é débil» relançou o Papa. «Os psicólogos darão explicações boas, profundas – acrescentou – mas eu digo apenas» que o fazem «também as crianças»; e «este é um dos vestígios do pecado original, esta é obra de Satanás». Assim «como quando temos um desejo bom de fazer uma obra boa, uma obra de caridade, dizemos: «É o Espírito Santo que me inspira a fazer isto». Quando nos damos conta que temos dentro de nós este desejo de agredir alguém porque é mais débil, não duvidemos: ali está o diabo. Porque esta é obra do diabo, agredir o mais débil».



Jazmin Negro, «Softer in silence. Bullying»

Na conclusão, o Papa sugeriu que pecamos «ao Senhor que nos ajude a vencer esta crueldade», cientes de que «todos nós temos a possibilidade de cometer: todos nós!». E fez votos a fim de que também o Senhor «nos dê a graça da compaixão, que é de Deus: Deus que tem compaixão de nós, padece conosco e nos ajuda a caminhar».

Terça-feira, 9 de janeiro

A autoridade nasce da proximidade

«A vida dupla dos pastores é uma ferida na Igreja»: contudo, mesmo se perderem a autoridade, que vem unicamente da «proximidade de Deus e do povo», nunca devem perder a esperança de reencontrar «coerência» e capacidade de «se comover». O Papa Francisco alertou os pastores a «não celebrarem os sacramentos mecanicamente, como um papagaio» e a não abrir a porta às pessoas só em horários estabelecidos. Porque perderiam a autoridade e mesmo se pregassem a verdade não poderiam entender os problemas das pessoas e alcançar os seus corações.

«No excerto do Evangelho que ouvimos, aparece duas vezes a palavra “autoridade”», observou o Pontífice, referindo-se ao trecho do evangelista Marcos (1, 21-28) proposto pela liturgia. Na sinagoga de Cafarnaum, explicou retomando as palavras do Evangelho, «as pessoas ficaram admiradas “com o seu ensinamento: de facto ele ensinava-lhes como alguém que tem autoridade, e não como os escribas”».

É evidente, prosseguiu Francisco, que estamos diante de «um ensinamento novo, ministrado com autoridade: “Manda até nos espíritos imundos e obedecem-lhe!”». E «a novidade de Jesus é esta autoridade» afirmou o Papa. Porque «as pessoas estavam acostumadas aos escribas, aos doutores da lei: enquanto eles falavam as pessoas pensavam noutras coisas, porque o que diziam não alcançava o coração». Deste modo, «falavam de ideias, de doutrinas, também da lei, e diziam a verdade: isto é verdade, a ponto que Jesus diz às pessoas: “escutai-os, fazei o que eles vos disserem”».

Portanto, os doutores da lei «diziam a verdade, mas não alcançava o coração: era tudo calmo, tranquilo»

frisou o Papa, observando que «ao contrário, o ensinamento de Jesus provoca a admiração», o «movimento no coração: “Mas o que está a acontecer?”». Portanto, as pessoas «seguem-no, vão atrás dele porque compreendem que quanto afirmado por aquele homem é dito com “autoridade”».

Contudo, a tal propósito Francisco convidou a refletir bem sobre o conceito de autoridade. De facto, explicou, «a autoridade não é: “eu mando, tu fazes”. Não, é outra coisa, é um dom, é uma coerência». «Jesus recebeu este dom da autoridade: digo dom, não sei se a palavra é correta, mas ele recebeu-o». Assim «quando, no final do Evangelho de Mateus, se lê o envio dos apóstolos a “missionar” o mundo, ele diz: foime dada toda a autoridade, no céu e na terra. Sou homem de autoridade. Ide, mas com esta autoridade». Como querendo dizer: ide «com esta coerência».

«É uma autoridade divina, que vem de Deus» afirmou o Papa. Portanto, «quando os discípulos o interrogam sobre a data do fim do mundo, ele responde: “Ninguém sabe, nem o Filho”. É um tempo que o Pai tem na sua autoridade». «É isto que Jesus tinha, como pastor, e o povo falava de um “ensinamento novo”, um modo novo de ensinar que surpreendia, chegava ao coração. Não como os escribas». Jesus, repetiu o Papa, «ensinava com autoridade: era um pastor que ensinava com autoridade».

«Mas o que faziam os escribas?» perguntou o Pontífice. «Eles – respondeu – ensinavam o que tinham aprendido: na escola rabínica, que era a universidade daquela época, lendo a Torá. Ensinavam a verdade. Não ensinavam coisas más: absolutamente não! Ensinavam as verdades da lei»; mas não chegavam ao coração das pessoas «porque eles ensinavam precisamente da cátedra e não se interessavam pelo povo».

«Porque o que dá autoridade – uma das coisas que dá autoridade – é a proximidade e Jesus tinha autoridade pois se aproximava das pessoas», frisou Francisco. Deste modo «ele “entendia” os problemas das pessoas, as suas dores, os seus pecados». Por exemplo, explicou o Papa, Jesus «compreendeu bem que aquele paralítico no tanque de Betsaida era um pecador» e, «depois de o ter curado, o que lhe disse? “Não voltes a pecar”. Disse o mesmo à adúltera».

O Senhor dizia estas palavras, prosseguiu o Pontífice, «porque estava próximo, compreendia, acolhia, curava e ensinava com proximidade». Portanto, «o que dá autoridade a um pastor, ou desperta a autoridade que é conferida pelo Pai, é a proximidade: proximidade de Deus na oração – um pastor que não reza, que não procura Deus perdeu uma parte – e a proximidade do povo». É um facto, acrescentou, que «o pastor distante do povo não o alcança com a mensagem».

Por conseguinte, insistiu Francisco, é preciso «proximidade, esta dupla proximidade». E «esta é a “unção” do pastor que se comove diante do dom de Deus na oração, e pode

comover-se diante dos pecados, dos problemas, das doenças do povo: deixa-se comover».

Ao contrário, «os escribas, aqueles que não se deixavam comover: tinham perdido esta capacidade porque não estavam próximos de Deus nem do povo» afirmou o Papa. E «quando se perde esta proximidade, onde acaba o pastor? Na incoerência de vida». Jesus, observou Francisco, «é claro sob este ponto de vista: “fazei o que disserem” – dizem a verdade – “mas não imeteis as suas ações”». É a questão da «vida dupla».

«É terrível ver pastores com vida dupla: é uma ferida na Igreja» disse o Papa. Não é bom ver «os pastores doentes, que perderam a autoridade e continuam nesta vida dupla». Mas, acrescentou, «há muitos modos de levar em frente a vida dupla e Jesus é muito duro com eles: não só diz ao povo para os ouvir, mas para não fazer o que fazem. E a eles o que diz? “Vós sois sepulcros caiados”: bonitos na doutrina, por fora; mas por dentro podridão». «Este é o destino do pastor que não tem proximidade com Deus na oração e com o povo na compaixão».

Talvez, afirmou o Papa, algum pastor poderia reconhecer que «perdeu a proximidade» dizendo a si mesmo: «não rezo; quando celebro os sacramentos faço-o mecanicamente, como um papagaio: as pessoas cansam-me; estou disponível para elas de tal a tal hora, coloco o aviso na porta; não estou próximo: perdi tudo, Padre?».

A este propósito, confidenciou Francisco, «vem-me ao coração uma figura bíblica de um sacerdote que me entenece». É a história do «velho Elias», apresentada na leitura bíblica tirada do primeiro livro de Samuel (1, 9-20). Elias «era um débil, tinha perdido a proximidade com Deus e com o povo e deixava correr» explicou Francisco, frisando que «os filhos maltratavam as pessoas, eram

sacerdotes, levavam em frente a situação e ele deixava mas estava ali sempre, não tinha abandonado o templo». Um certo dia Elias viu que Ana a rezar «e algo chamou a sua atenção naquela mulher, observou-a» pensando que estivesse «embriagada». Portanto, convidou-a a voltar para casa enquanto a embriaguez não passasse.

Mas Ana, lê-se no trecho do Antigo testamento, revelou a Elias que não estava embriagada mas «muito amargurada por várias razões». De facto, Ana responde: «Não consideres a tua escrava uma mulher perversa, porque até agora me fez falar o excesso da minha dor e da minha angústia». E «enquanto ela falava – observou o Pontífice – ele foi capaz de se aproximar daquele coração: o fogo sacerdotal elevou-se das cinzas de uma vida medíocre, má, de pastor». Então, eis que Elias responde à mulher: «Vai em paz e o Deus de Israel te conceda o que lhe pediste».

Portanto, Elias «que tinha perdido a proximidade com Deus e com o povo – prosseguiu o Papa – por curiosidade se aproximou de uma mulher, mas depois de a ouvir, deuse conta de ter errado e do seu coração saíram a bênção e a profecia». Francisco quis repropor a atualidade da história de Elias: «Direi aos pastores que viveram separados de Deus e do povo, das pessoas: não percam a esperança, há sempre uma possibilidade». A Elias «foi suficiente olhar, aproximar-se de uma mulher, ouvi-la e despertar a autoridade para abençoar e profetizar: a profecia foi feita e o filho nasceu».

«A autoridade – concluiu o Papa – é dom de Deus, vem só dele e Jesus doa-a aos seus: autoridade no falar que vem da proximidade com Deus e com o povo, sempre os dois juntos; autoridade que é coerência, não vida dupla». E «se um pastor perder a autoridade pelo menos não perca a esperança, como Elias: há sempre tempo para se aproximar e despertar a autoridade e a profecia».

Esperança partilhada

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Juntamente convosco, desejo experimentar a paz, tão necessária, que provém de Deus; só Ele no-la pode oferecer. É o dom que Cristo concede a todos nós, o fundamento da nossa convivência e da sociedade; a paz fundamenta-se na justiça e permite-nos encontrar instâncias de comunhão e harmonia. É necessário pedi-la constantemente ao Senhor, e é o Senhor que no-la concede. É a paz do Ressuscitado que traz a alegria e nos impele a ser missionários, reavivando o dom da fé que nos leva conduz ao encontro, à comunhão compartilhada de uma única fé celebrada e transmitida.

Este encontro com Cristo ressuscitado confirma-nos na esperança. Não queremos estar ancorados nas coisas deste mundo, o nosso olhar

vai muito além, os nossos olhos estão fixos na sua misericórdia que cura as nossas misérias. Ele dá-nos o impulso para nos erguermos e continuarmos. Sentir pessoalmente esta proximidade de Deus faz de nós uma comunidade viva e capaz de se comover com quantos estão ao nosso lado e de dar passos firmes de amizade e de fraternidade. Somos irmãos que caminhamos ao encontro dos outros para nos confirmar-nos numa única fé e esperança.

Coloco nas mãos da Virgem Maria, Mãe da América, esta viagem apostólica e todas as intenções que conservamos no nosso coração, a fim de que Ela, como boa Mãe, as receba e nos indique o caminho rumo ao Filho.

Até breve! E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Até logo!



A primeira página de 1 de janeiro de 1958 reproduzida na capa do último número do semanário

Sessenta anos de «Vida Nueva»

«A revista “Vida Nueva” foi fundada em Madrid, a 1 de janeiro de 1958. Herdava mais de uma centena de números de “Pax”, publicação quinzenal nascida no âmbito da editora PPC. “Muda o nome, mas não o sobrenome”, sugeria o slogan da campanha de lançamento que, em pouco tempo, permitiu alcançar 20.000 leitores e, em apenas alguns meses, passar de quinzenário para semanário. Assim se sublinhava também no editorial: “Queremos viver o momento atual da Igreja e regular os relógios com a atualidade permanente desta Igreja. Como podeis ver, não somos uma revista devota. Apresentamos uma honesta preocupação social, sob cuja luz examinamos juntos os problemas da nossa época”. Sem mudar nem sequer uma vírgula, “Vida Nueva” pode e deve subscrever, sessenta anos mais tarde, este compromisso com os seus leitores e com a Igreja, este anseio por permanecer acordados e vigilantes diante da mudança de época, com os ventos de renovação que então chegavam graças a Roncalli e que hoje se materializam com o sotaque portenho de Bergoglio». Assim se lê no editorial do último número do semanário «Vida Nueva», que agora celebra sessenta anos de vida, depois de ter ultrapassado o limiar dos 3.000 números (veja-se «L'Osservatore Romano» de 10 de agosto de 2016). Realizada em Madrid, a revista é divulgada também na América, graças sobretudo a VidaNuevaDigital.com e a redações presentes na Colômbia, no México e no Cone Sul. O número do sexagésimo aniversário abre-se com os testemunhos de cinco sexagenários (José María Gil Tamayo, Ana Dignoes, Miguel Ángel Cortés, Carmen Bernabé e Raúl Berzosa), e continua com doze artigos sobre temas abordados por «Vida Nueva» em 1958. Naquele ano faleceu Pio XII e foi eleito Papa Roncalli, a quem se dedicou o suplemento, com textos de Evangelista Vilanova, monge de Montserrat e teólogo falecido em 2005, Dario Menor e Antonio Pelayo. Além da apresentação do número, escrita pelo diretor José Beltrán, publicamos um artigo do nosso diretor.

Um dia qualquer

JOSÉ BELTRÁN

Éra um dia de semana, 1 de janeiro de 1958. Quarta-feira. Dia em que, tradicionalmente, na Espanha saem nas bancas as revistas do coração. É «Vida Nueva», de coração. Em preto e branco. Com um toque de cor num país cinzento. Verde. Saía no mesmo dia em que entravam em vigor os Tratados de Roma, de uma nascente Comunidade económica europeia. Hoje, Brexit. Ouvia-se falar de um golpe de Estado na Venezuela. Agora, Maduro. Acontecimentos que vão e vêm, que não pareciam incomodar uma revista que, no seu primeiro número, se esforçava por explicar o porquê da corrida dos soviéticos e dos norte-americanos à conquista do espaço a golpes de satélite. Ou que mostrava como se vivia num mosteiro camaldulense. Ou que citava as palavras de Pio XII a um grupo de estilistas, advertindo-os contra o risco de «roupas demasiado ousadas».

Primeiro número, ao qual se seguíam muitos outros. Um ano significativo no qual mergulhar. A plenos pulmões. Imergir-se no ano de 1958, para celebrar a vitalidade de quantos gastaram os dedos naquelas

máquinas de escrever sem Facebook, mas já conscientes de configurar redes sociais. Como Lolo, o jornalista beatificado, enviado especial ao centenário de Lourdes. As suas palavras, poesia de um santo: «A dor, invenção da esperança, é por sua vez uma nova Encarnação». Ou a prosa metafórica de Antonio Montero, sempre antecipando os tempos: «A imprensa católica pode, deve ser a caneta que periodicamente recons-

trói os traços da mentalidade cristã». Folhear uma página depois da outra. Descobrir detalhes impagáveis. Uma entrevista a Alberto Closas. Uma carta ao diretor em defesa da dignidade das “domésticas”. Publicidade de Galerías Preciados. Um crítico literário, nada complacente com Martín Gaité: «Há uma vida que palpita. Mas não gostamos do materialismo que exala». Títulos provocatórios para a Quaresma: «Jesus, o Na-

zareno, preso. Há 1.925 anos foi justificado o Filho de Deus». E uma pergunta provocatória de página inteira: «O que é um negro?». Com a resposta: «Um filho de Deus».

Tudo começou num dia qualquer. Numa quarta-feira. Como hoje, 3 de janeiro de 2018. Dia de trabalho. Dia de fechamento das páginas desta revista. Sessenta anos mais tarde. Inteiramente colorida. Na sociedade. Na Igreja. *Imprimatur*.

O perigo da autorreferencialidade

GIOVANNI MARIA VIAN

Completa sessenta anos «Vida Nueva», a revista católica espanhola mais corajosa e vivaz, e a celebração é uma ocasião oportuna para refletir sobre o papel dos meios de comunicação católicos. No seu primeiro ano, um artigo intitulava-se *A imprensa católica não deve ser simples imprensa religiosa*. Sem dúvida, os tons eram daquela época, mas já então, no clima de uma Espanha totalmente dife-

rente de hoje, a partir do título respirava-se com clareza a pretensão externa de a fechar na sacristia. Com efeito, os jornalistas católicos «devem escrever de política, desporto, crónica, sociedade, de tudo aquilo que é vida, porque os católicos e a Igreja são exatamente isto». Mas a revista ousava mais, e em pleno regime franquista declarava que a imprensa católica devia rejeitar o abraço sufocante do controle político. O seu objetivo era trabalhar «para permanecer em comunicação com o mundo que a circunda e para julgar os acontecimentos que a cada minuto se sucedem no mundo. De modo límpido, sem servir qualquer outro interesse, a não ser o da verdade». Um programa claro, e válido hoje.

Sem dúvida, as décadas transcorridas mudaram tudo: a Espanha, a Europa, o mundo, a Igreja, as religiões, a humanidade inteira. No entanto, já então «Vida Nueva» era uma ponta saliente num mundo católico fechado como o espanhol, onde o Concílio Vaticano II entrou com dificuldades e contrastes. Depois, o peso da história fez com que hoje não se reconheça o importante papel desempenhado pela Igreja no período da transição, na segunda metade dos anos setenta, enquanto resistem velhos estereótipos sobre o fechamento dos católicos, e é preciso reconhecer que estão fundados também sobre responsabilidades não só do passado.

Com efeito, a tentação de se fechar na própria casa voltou com

força diante de uma sociedade que, na Europa, não somente está secularizada, mas também é hostil ao facto religioso, para usar uma expressão corrente na França. Alastram-se os fundamentalismos, e entre eles também o de um laicismo áspero, muito diferente da laicidade, um valor favorecido sob o ponto de vista histórico, precisamente pelo cristianismo. Portanto, hoje os meios de comunicação católicos devem rejeitar as tentativas de quem, leigo ou católico, quer sufocá-los ou então reduzi-los a uma insignificante expressão de sacristia.

Neste sentido, a autorreferencialidade católica é um perigo mortal para o jornalismo que quer expressar um ponto de vista cristão. Obviamente, dar voz à Igreja, ao Papa, aos bispos é importante, mas não é suficiente. É necessário meditar sobre a realidade e interpretá-la. Sem preconceitos, procurando compreender e encontrar o outro. E a linguagem é importante: há que evitar a gíria clerical, mas também a eclesial, que ninguém entende e que afasta o interlocutor. Obviamente usando todos os meios de comunicação, mas sem uma confiança cega nos novos, os chamados sociais, onde o risco da falta de crítica, e portanto de liberdade, é cada vez mais forte. «De modo límpido, sem servir qualquer outro interesse, a não ser o da verdade», como escrevia há sessenta anos esta revista, e como devem procurar fazer hoje os católicos.

Saudação do decano

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

dores de conflitos; de bombeiros, não de incendiários; de pregadores de reconciliação, não de proclamadores de destruição».

O diplomata recordou que em 2018 será celebrado o primeiro centenário do fim da primeira guerra mundial, mas disse também que o conflito que se seguiu foi ainda mais nefasto. De certas experiências nasceram «a Onu e as outras organizações que representam e trabalham em nome da comunidade internacional, para o bem dos povos».

Portanto, a paz: um dom posto continuamente em questão num ano «marcado por ameaças e tensões

não indiferentes», com a trágica realidade das migrações forçadas (por exemplo, evocada pelo Papa na visita à Faó) e o problema da «gestão dos refugiados», que deve ser enfrentado sob vários pontos de vista: «social, económico, cultural e ético». Ou ainda as «tensões e as dificuldades na África, Ásia e Médio Oriente», descritas também na recente mensagem do Papa para o dia mundial da paz. Feridas abertas que, infelizmente, em 2018 se agravam devido a «conflitos que ainda não cessaram» e a dezenas de países que ainda estão na mira dos «ataques terroristas». Mas, não obstante alguns dados negativos, concluiu o embaixador, «é imperativo reagir com esperança».

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 2 de janeiro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Mario Juan Bosco Cayota Zappettini, Embaixador do Uruguai, para a apresentação das Cartas Credenciais.

D. Protase Rugambwa, Secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos; e D. Riccardo Fontana, Arcebispo-Bispo de Arezzo-Cortona-Sansepolcro (Itália).

A 5 de janeiro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Antonio Raymond Andary, Embaixador do Líbano, para a apresentação das Cartas Credenciais.

D. Vincenzo Paglia, Presidente da Pontifícia Academia para a Vida; e D. Giambattista Diquattro, Núncio Apostólico na Índia.

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

No dia 8 de janeiro

Ordinário para os católicos orientais residentes na França e desprovidos de Hierarquia própria, D. Michel Aupetit, Arcebispo de Paris.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 17 de novembro de 2017

D. Lucas Li Jingfeng, Bispo de Fengxiang (China Continental).

O venerando Prelado nasceu no dia 15 de janeiro de 1921, no distrito de Gaoling (China). Foi ordenado Sacerdote a 29 de junho de 1947. Recebeu a Ordenação episcopal em 25 de abril de 1980.

A 7 de dezembro de 2017

D. Matias Yü Chengxin, Bispo Coadjutor Emérito de Hanzhong (China Continental).

O ilustre Prelado nasceu no distrito de Hantai (China), no dia 28 de fevereiro de 1928. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 10 de dezembro de 1981. Foi ordenado Bispo em 12 de dezembro de 1989.

A 31 de dezembro de 2017

D. Clément Fecteau, Bispo Emérito de Sainte-Anne-de-la-Pocatière (Canadá).

O saudoso Prelado nasceu a 20 de abril de 1933 em Sainte-Marie-de-Beauce (Canadá). Foi ordenado Sacerdote no dia 16 de junho de 1957. Recebeu a Ordenação episcopal em 20 de outubro de 1989.

A 2 de janeiro

D. Serafino Sprovieri, Arcebispo Emérito de Benevento (Itália).

O ilustre Prelado nasceu a 18 de maio de 1930, em San Pietro in Guarano (Itália). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 12 de julho de 1953. Foi ordenado Bispo em 9 de abril de 1978.

A 3 de janeiro

D. Heriberto Hermes, Monge da Ordem dos Beneditinos Confederados, Bispo Prelado Emérito de Cristalândia (Brasil).

O saudoso Prelado nasceu no dia 25 de maio de 1933 em Scott City (EUA). Foi ordenado Sacerdote a 26 de maio de 1960. Recebeu a Ordenação episcopal em 2 de setembro de 1990. Renunciou ao governo pastoral da sua Diocese a 25 de fevereiro de 2009.

D. Francis Adeodatus Micallef, Religioso da Ordem dos Carmelitas Descalços, ex-Vigário Apostólico no Kuwait.

O venerando Prelado nasceu a 17 de dezembro de 1928 em Birkirkara (Malta). Recebeu a Ordenação sacer-

dotal no dia 9 de maio de 1954. Foi ordenado Bispo em 6 de janeiro de 1982.

A 5 de janeiro

D. Emanuel Barbara, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Bispo de Malindi (Quênia).

O ilustre Prelado nasceu em Gzira (Malta), no dia 27 de outubro de 1949. Foi ordenado Sacerdote a 20 de julho de 1974. Recebeu a Ordenação episcopal em 1 de outubro de 2011.

D. Vincent Mojwok Nyiker, Bispo Emérito de Malakal (Sudão do Sul).

O venerando Prelado nasceu em Atigo-Tonga (hoje Sudão do Sul) no dia 25 de janeiro de 1933. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 21 de julho de 1963. Foi ordenado Bispo em 27 de maio de 1979.

A 6 de janeiro

D. Remídio José Bohn, Bispo de Cachoeira do Sul (Brasil).

O saudoso Prelado nasceu em Feliz (Brasil), no dia 21 de maio de 1950. Foi ordenado Sacerdote a 29 de novembro de 1975. Recebeu a Ordenação episcopal em 17 de março de 2006.

Calendário das celebrações litúrgicas presididas pelo Sumo Pontífice

Janeiro

QUINTA-FEIRA 25
SOLENIDADE DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO

Basilica de São Paulo fora dos Muros, 17h30, Celebração das Segundas Vésperas, LI Semana de oração pela unidade dos cristãos.

DOMINGO 28
4º DO TEMPO COMUM

Basilica de Santa Maria Maior, ghoo, Santa Missa por ocasião da Festa da transladação do ícone da *Salus Populi Romani*.

Fevereiro

SEXTA-FEIRA 2
FESTA DA APRESENTAÇÃO DO SENHOR

Basilica do Vaticano, 17h30, Santa Missa com os Membros dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica,

XXII Dia Mundial da Vida Consagrada.

QUARTA-FEIRA 14
DE CINZAS

Igreja de Santo Anselmo, 16h30, *Statio* e procissão penitencial.

Basilica de Santa Sabina, 17h00, Santa Missa, bênção e imposição das Cinzas.

DOMINGO 18
1º DE QUARESMA

Ariccia, início dos exercícios espirituais para a Cúria Romana.

SEXTA-FEIRA 23

Conclusão dos exercícios espirituais para a Cúria Romana.

Cidade do Vaticano, 4 de janeiro de 2018

Monsenhor Guido Marini
Mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias

Newsletter do Dicastério para os leigos, a família e a vida

Informação e participação

Depois do lançamento em dezembro do noticiário online *Good News*, prosseguem as iniciativas do Dicastério para os leigos, a família e a vida a fim de fazer conhecer as próprias atividades a nível internacional. De facto, o novo ano teve início com a newsletter que, através do link no site do Dicastério (www.laityfamilylife.va), resume as novidades mais relevantes do último período.

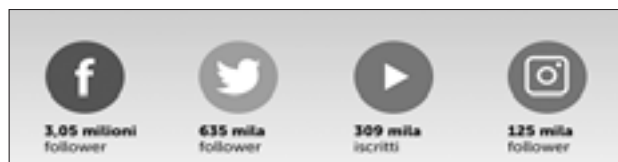
Trata-se, explicou o secretário, padre Alexandre Awi Mello, de um instrumento de informação e participação que vai ao encontro dos interessados em colaborar com o trabalho que o organismo realiza «ao serviço da Igreja e da sociedade na promoção da vida e do apostolado dos fiéis leigos, no cuidado pastoral da família e da sua missão, segundo o desígnio de Deus e para a tutela e

o apoio à vida humana, desde a concepção até ao seu fim natural».

Nesse número, além do noticiário *Good News* e de uma entrevista às novas subsecretárias Linda Ghisoni e Gabriella Gambino, evidenciam-se as atualizações sobre três grandes temas em preparação: o sínodo sobre os jovens, o encontro das famílias em Dublin e a jornada mundial da juventude no Panamá.

A newsletter é enviada em cinco línguas – português, italiano, inglês, francês e espanhol – e oferece também ligações aos canais sociais nos quais o dicastério está presente ativamente: Twitter, Instagram, YouTube e Flickr. Quem estiver interessado em recebê-la pode fazer o pedido através do correio eletrónico (info@laityfamilylife.va).

Vatican News supera quatro milhões de seguidores



Os seguidores dos canais sociais – Facebook, Twitter, YouTube e Instagram – da Secretaria para as comunicações (SpC), depois da unificação sob o logótipo Vatican News lançado recentemente, ultrapassaram quatro milhões. A SpC deu o anúncio a 9 de janeiro, evidenciando que em particular o lançamento de uma página global no Facebook consentiu a agregação de mais de três milhões de utentes, nas seis línguas atualmente disponíveis (português, italiano, inglês, francês, alemão e espanhol).

Além disso, a um grupo da SpC, em sinergia com a secretaria de Estado, foram confiados @Pontifex no Twitter (mais de 44 milhões de followers em nove línguas) e @Franciscus no Instagram (mais de cinco milhões no único canal multilíngua). Segundo o prefeito da SpC, monsenhor Dario Edoardo Viganò, o fortalecimento da presença na rede «constitui um dos efeitos do grande processo de reforma dos meios de comunicação do Vaticano em fase de conclusão».

Friedrich Peter, «Gloria in excelsis»

O Papa exortou os sacerdotes a respeitar os momentos de recolhimento na missa

A liturgia é escola de oração

«Possa a liturgia tornar-se para todos nós uma verdadeira escola de oração»: com estes votos o Papa concluiu as reflexões sobre a importância da Glória e da oração da coleta, na audiência geral de quarta-feira, 10 de janeiro. Prosseguindo, com os fiéis presentes na sala Paulo VI, as catequeses sobre a missa, o Pontífice exortou também os presbíteros a não se apressarem durante as celebrações.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No percurso de catequeses sobre a celebração eucarística, vimos que o Ato penitencial nos ajuda a despojar-nos das nossas presunções e a apresentar-nos a Deus como realmente somos, conscientes de sermos pecadores, na esperança de sermos perdoados.

Precisamente do encontro entre a miséria humana e a misericórdia divina adquire vida a gratidão expressa no “Glória”, «um hino antiquíssimo e venerável com o qual a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro» (*Ordenamento Geral do Missal Romano*, 53).

O início deste hino – “Glória a Deus nas alturas” – retoma o cântico dos Anjos no nascimento de Jesus em Belém, anún-

ciado diz «oremos»; e depois há um momento de silêncio, e cada um pensa naquilo de que precisa, que deseja pedir, na oração.

O silêncio não se reduz à ausência de palavras, mas consiste em predispor-se a ouvir outras vozes: a do nosso coração e, sobretudo, a voz do Espírito Santo. Na liturgia, a natureza do silêncio sagrado depende do momento em que se realiza: «Durante o Ato penitencial e após o convite à oração, ajuda o recolhimento; depois da leitura ou da homilia, é uma exortação a meditar brevemente sobre o que se ouviu; após a Comunhão, favorece a prece interior de louvor e de súplica» (*ibid.*, 45). Portanto, antes da oração inicial, o silêncio ajuda a recolher-nos em nós mesmos e a pensar por que estamos ali. Eis, então, a importância de ouvir o nosso espírito para o abrir depois ao Senhor. Talvez tenhamos vivido dias de cansaço, de alegria, de dor, e queremos dizê-lo ao Senhor, invocar a sua ajuda, pedir que esteja próximo de nós; temos familiares e amigos doentes, ou que atravessam provações difíceis; desejamos confiar a Deus o destino da Igreja e do mundo. É para isto que serve o breve silêncio antes que o sacerdote, recolhendo as intenções de cada um, recite em voz alta



a Deus o culto que lhe é agradável, ou seja, a obediência filial.

No Rito Romano as orações são concisas, mas ricas de significado: podem fazer-se muitas meditações bonitas sobre estas preces. Muito belas! Voltar a meditar os seus textos, até fora da Missa, pode ajudar-nos a aprender como dirigir-nos a Deus, o que pedir, que palavras usar. Possa a liturgia tornar-se para todos nós uma verdadeira escola de oração.

No final da catequese, como de costume, o Sumo Pontífice saudou os vários grupos de peregrinos presentes, proferindo entre outras as seguintes palavras.

Com grande afeto, saúdo os peregrinos de língua portuguesa, em particular os fiéis vindos de Luziânia e Arcozelo, com votos de que possais vós todos encontrar na liturgia uma verdadeira escola de oração. Vele sobre o vosso caminho a Virgem Maria e vos ajude a ser sinal de confiança e esperança no meio dos vossos irmãos. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção de Deus.

Dou as cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, em particular aos provenientes do Médio Oriente! Estimados irmãos e irmãs, voltar a meditar os textos das orações, até fora da Missa, pode ajudar-nos a aprender como dirigir-nos a Deus, o que pedir, que palavras usar. Possa a liturgia tornar-se para todos nós uma verdadeira escola de oração». Que o Senhor vos abençoe!

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Amados jovens, sede portadores do amor de Cristo entre os vossos coetâneos; queridos doentes, encontrai na ternura de Deus a ajuda na dor; e vós, estimados recém-casados, sede testemunhas da beleza do Sacramento do Matrimónio através do vosso amor fiel.



ciado jubiloso do abraço entre céu e terra. Este canto inclui-nos também a nós reunidos em oração: «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

Após o “Glória”, ou então, na sua ausência, imediatamente depois do Ato penitencial, a oração adquire forma particular na prece denominada “coleta”, por meio da qual se expressa o caráter próprio da celebração, que varia de acordo com os dias e os tempos do ano (cf. *ibid.*, 54). Mediante o convite «oremos», o sacerdote exorta o povo a recolher-se com ele num momento de silêncio, com a finalidade de tomar consciência de estar na presença de Deus e fazer emergir, cada qual no próprio coração, as intenções pessoais com as quais participa na Missa (cf. *ibid.*, 54). O

a Deus, em nome de todos, a oração comum que conclui os ritos de introdução, realizando precisamente a “coleta” das intenções individuais. Recomendo vivamente aos sacerdotes que observem este momento de silêncio e não se apressem: «oremos», e que se faça silêncio. Recomendo isto aos presbíteros. Sem este silêncio, corremos o risco de descuidar o recolhimento da alma.

O sacerdote recita esta súplica, esta oração de coleta, de braços abertos: é a atitude do orante, assumida pelos cristãos desde os primeiros séculos – como testemunham os afrescos das catacumbas romanas – para imitar Cristo de braços abertos no madeiro da cruz. Ali Cristo é o Orante e, ao mesmo tempo, a oração! No Crucifixo reconhecemos o Sacerdote que oferece